

*Boletim da Sociedade*  
*Nº 64*

*Órgão Informativo da*  
*Sociedade*  
*Numismática Brasileira*



*2º Semestre - 2009*

# Sociedade Numismática Brasileira

Fundada em 1924

---

**Cláudio Marcos Angelini**

*Presidente*

**Walter de Arruda Menezes**

*Vice-Presidente*

**José Alberto Borges da Cruz**

*Diretor Financeiro*

**Idenyldo Silva**

*Diretor Administrativo*

**José Serrano Neto**

*Diretor Técnico*

**Hilton Aparecido Magri Lúcio**

*Diretor de Divulgação*

**Gilberto Fernando Tenor**

*Diretor Curador*

---

**Edição:** Gilberto Fernando Tenor

**Diagramação e editoração eletrônica:** SAMGRAF Serviços Gráficos

**Impressão:** Paris Gráfica

**Tiragem:** 1.000 exemplares.

**Responsável:** Pedro Zan - Reg. MTB nº 10.891

**Colaboradores:** Claudio Schroeder, David André Levy, Hilton Lucio Magri, Kurt Prober (reedição) e Lilian de Angelo Laky

**Capa:** Simbologia da Cultura Nacional, detalhe do verso da cédula de 100 cruzeiros, 2ª estampa, Thomas de La Rue & Company Limited.

- O teor das matérias publicadas neste boletim é de inteira responsabilidade de seus autores;
- As matérias enviadas para publicação neste órgão deverão ser de caráter numismático e encaminhadas em arquivo **.doc** (*Word for Windows*), sem formatação, com imagens em cópia fotográfica ou arquivo digital em alta definição;
- Para reprodução dos artigos publicados é necessária a autorização do autor e citação da fonte.



## *Palavras do Presidente*

Prezados Numismatas

Cumprindo o papel institucional da SNB, temos o prazer de disponibilizar este Boletim nº 64, aonde temos importantes matérias e estudos sobre a numismática brasileira e mundial. Aproveitando a idéia da entidade co-irmã, Sociedade Numismática Paranaense, alteramos o lay-out da nossa capa, mostrando a arte impressa em nossas cédulas nacionais.

Congregando os associados, é com grande orgulho que estamos realizando, o VII Congresso Latino-Americano de Numismática, com uma grande participação de comerciantes brasileiros e estrangeiros, além de fóruns, palestras, exposições e lançamentos de livros numismáticos.

Aproveitando a realização do Fórum de discussão sobre a cunhagem do Carimbo de Piratini, publicamos o estudo do grande numismata, Kurt Prober, publicado na nossa Revista Numismática, há mais de 60 anos.

Outro grande evento de importância é o Fórum de discussão sobre a implantação de uma escala de raridades para as moedas brasileiras, evento pioneiro na numismática nacional.

Finalizando, estaremos na abertura deste VII CLAN, procedendo a premiação dos autores das redações classificadas no 1º Concurso Municipal de Redação SNB - 2009, que publicamos neste volume. A grande participação serviu para estimular ainda mais a nossa vontade de divulgar a numismática na rede escolar, para assim termos novos colecionadores no futuro.

Desejamos a todos uma boa leitura e um 2010 repleto de muitas realizações.

Cordialmente

Cláudio Marcos Angelini  
Presidente



# Sumário

|                                                                                                        |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Palavras do Presidente</b>                                                                          | <b>3</b>   |
| <b>VII Congresso Latino-Americano de Numismática</b>                                                   | <b>5</b>   |
| <b>Medalha do VII Congresso Latino-Americano de Numismática</b>                                        | <b>7</b>   |
| <b>Sociedade lança selos personalizados para comemorar o VII CLAN</b>                                  | <b>8</b>   |
| <b>1º Concurso Municipal de Redação – SNB 2009 – Resultado Final</b>                                   | <b>9</b>   |
| <b>Carimbos do Piratiny</b>                                                                            | <b>19</b>  |
| <b>Os tipos monetários de Zeus emitidos no mundo grego durante a época clássica (sec. V e VI a.c.)</b> | <b>46</b>  |
| <b>Histórias sobre uma das mais bonitas cédulas já produzidas</b>                                      | <b>74</b>  |
| <b>As moedas zodiacais do Imperador Mughal Jahangir</b>                                                | <b>80</b>  |
| <b>Brasília ganha moeda comemorativa dos 50 anos</b>                                                   | <b>93</b>  |
| <b>Barras de Ouro no Meio Circulante Brasileiro</b>                                                    | <b>94</b>  |
| <b>Literatura Numismática – Lançamentos</b>                                                            | <b>97</b>  |
| <b>Loja da SNB</b>                                                                                     | <b>104</b> |
| <b>Notas Informativas</b>                                                                              | <b>105</b> |
| <b>Anunciantes</b>                                                                                     | <b>112</b> |





# VII Congresso Latino-Americano de Numismática

3 a 5 de dezembro de 2009 – São Paulo – Brasil

A **Sociedade Numismática Brasileira**, uma das mais antigas associações da América Latina, tem o prazer de convidá-lo para participar do **VII Congresso Latino-Americano de Numismática**, de 03 a 05 de dezembro de 2009, na cidade de São Paulo, Brasil.

O **VII Congresso Latino-Americano de Numismática** visa a integração das Associações e dos colecionadores latino-americanos através da promoção de exposições, palestras, leilões e comercialização.

O evento será realizado em São Paulo, próximo ao centro financeiro da maior cidade da América do Sul, com diárias especiais para os participantes do Congresso, e mais de 50 mesas de comercialização, num salão único, com todas as condições necessárias para o conforto e segurança dos participantes. Maiores informações, reservas de mesa para comercialização e hotel, contatar Wiron Cintra pelo telefone: (5511) 5572-5406 ou 9356-4740 ou e-mail: [wircin@globo.com](mailto:wircin@globo.com) ou [congresso@snb.org.br](mailto:congresso@snb.org.br)

## LOCAL

**Hotel Pestana São Paulo**

**Rua Tutóia, 77 - Jd. Paulista - São PauloSP**

**Tel.: (55-11) 2187.5000**

**[www.pestana.com](http://www.pestana.com)**

## PROGRAMAÇÃO OFICIAL

**03.12.2009 quinta-feira - (Jueves - Thursday)**

|              |                                                                                                                                                                                                                        |
|--------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 9:00h        | Credenciamento dos Comerciantes, Expositores e Público em geral                                                                                                                                                        |
| 9:40h        | Cerimônia de Abertura Oficial do Congresso, com apresentação da Medalha Comemorativa e abertura das exposições.<br><br>Premiação do "I Concurso Municipal de Redação SNB 2009" – As moedas contam a história do mundo. |
| 10:30-19:00h | Abertura dos "Salões" para os Comerciantes, Expositores e Público.                                                                                                                                                     |
| 13:00-18:00h | Verificação das peças do leilão                                                                                                                                                                                        |
| 16:00h       | Palestra – "Taras/Tarentum: O tipo "Cavaleiro" nas moedas do Museu Histórico Nacional – RJ" – Profª Maricé Magalhães                                                                                                   |
| 16:45h       | Palestra – "O Museu Arqueológico Nacional – MAN – Madrid, Espanha" – Profª Eliane Nery                                                                                                                                 |

|                                                  |                                                                                                        |
|--------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 17:30h                                           | Palestra – “As Faces da Moeda” – Profª Maria Beatriz Borba Florenzano                                  |
| 18:15h                                           | “Fórum de discussão sobre a Cunjhagem do carimbo de Piratini” – Claudio Schroeder                      |
| 19:00h                                           | Encerramento das Atividades do dia.                                                                    |
| <b>04.12.2009 Sexta Feira (Viernes – Friday)</b> |                                                                                                        |
| 09:00h                                           | Abertura dos “Salões” para os Comerciantes e Expositores – Credenciamento do público                   |
| 10:00-19:00h                                     | Abertura dos “Salões” para o Público.                                                                  |
| 10:00-17:00h                                     | Verificação das peças do Leilão.                                                                       |
| 16:00h                                           | “Fórum de discussão sobre a implantação de uma escala de Raridades” – Claudio Amato & Claudio Angelini |
| 17:45h                                           | Palestra – “Egito – O período Ptolomaico” – por Marcos Geribello                                       |
| 18:00h                                           | Início do Leilão                                                                                       |
| 19:00h                                           | Encerramento das Atividades do dia.                                                                    |
| 21:00h                                           | Jantar de Confraternização.                                                                            |

#### **05.12.2009 Sábado (Sábado – Saturday)**

|              |                                                                                      |
|--------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| 9:00h        | Abertura dos “Salões” para os Comerciantes e Expositores – Credenciamento do público |
| 10:00-19:00h | Abertura dos “Salões” para o Público.                                                |
| 10:00-14:30h | Verificação das peças do leilão                                                      |
| 11:00h       | Reunião com Associações Numismáticas.                                                |
| 16:00h       | Início do leilão – 1ª parte                                                          |
| 17:30h       | Coffee Break                                                                         |
| 18:00h       | Continuação do leilão – 2ª parte                                                     |
| 19:00h       | Encerramento do VII Congresso.                                                       |

#### **EXPOSIÇÕES TEMÁTICAS**

- 1 – “Numismática Clássica: Uma Viagem pela história”  
– Hilton Lucio Magri
- 2 – “Moedas exóticas”  
– Claudio Marcos Angelini
- 3 – “O Esporte da Numismática”  
– As Copas do Mundo de Futebol”  
– Bernardo Marin Neto
- 4 – “As Moedas Comemorativas do Plano Real”  
– Ismael Toledo Junior

#### **LANÇAMENTOS DOS LIVROS**

- 1 – “Os Recunhos dos 960 Réis  
– 2ª edição” – David Levy
- 2 – “As Faces da Moeda”  
– Otavio Nazareth e Maria Beatriz Borba Florenzano
- 3 – “O Brasil Holandês”  
– Alfredo Gallas e Fernanda Disperati Gallas

#### **COMISSÃO EXECUTIVA**

Walter Arruda de Menezes  
Idenyldo Silva  
Wiron Cintra

#### **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Cláudio Marcos Angelini  
Hilton Aparecido Magri Lúcio

#### **COMISSÃO DO LEILÃO ESPECIAL**

José Alberto Borges da Cruz  
José Serrano Neto  
Idenyldo Silva

#### **COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO**

Hilton Aparecido Magri Lúcio  
Gilberto Fernando Tenor  
Fábio de Souza

## *Medalha do VII Congresso Latino-Americano de Numismática*



A Sociedade Numismática Brasileira, no intuito de perpetuar o importante evento, que é o nosso VII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE NUMISMÁTICA, que estará sendo realizado no período de 03 a 05 de dezembro de 2009, providenciou a cunhagem de mais uma medalha para tal acontecimento.

As medalhas serão cunhadas em ouro, prata, cobre e bronze; e nela estará estampada a moeda de 8 reales da República da Colômbia de 1821, da Casa da Moeda de Cundinamarca, contramarcada com o Carimbo “Piratini” (1835-1845).

Elas terão o diâmetro de 55 mm, com criação de Fábio de Souza, Gravação de Aristides Sá Leitão e cunhagem feita pela Prataria Consentino.

# *Sociedade lança selos personalizados para comemorar o VII CLAN*

A Sociedade Numismática Brasileira lançará no dia 3 de Dezembro, duas séries de selos personalizados em comemoração a realização do VII Congresso Latino-Americano de Numismática.

As duas séries apresentam a imagem da logo do VII CLAN agregado aos selos que retratam os pontos turísticos da cidade de São Paulo.



O preço de comercialização de cada folha com 12 selos será de R\$ 40,00 com série limitadíssima.

Garanta já o seu junto à secretaria da SNB.

# *1º Concurso Municipal de Redação – SNB 2009*

## *Resultado Final*

Em cumprimento ao Regulamento do 1º Concurso Municipal de Redação promovido pela Sociedade Numismática Brasileira, com a participação de 16 escolas, 1110 alunos e 221 redações, a Comissão formada pelos professores Lilian de Angelo Laky, Scheila Rotondaro Koch e Alex Martire e Diretores da SNB: Gilberto Fernando Tenor, Idenyldo Silva e Walter de Arruda Menezes, avaliaram as redações indicadas pelas Escolas Municipais de São Paulo e com base nos critérios elencados no próprio Regulamento, indicaram como finalistas os seguintes autores: Ana Carolina Rodrigues Costa, Camila Pereira Rodrigues da Silva, Fernanda Souza da Silva, Gabriella Comparato de Souza, Larissa Regina Miranda Cruz e Mariana Castro Lopes de Mendonça, sendo aclamada pela maior pontuação a redação da aluna: **GABRIELLA COMPARATO DE SOUZA**.

A Sociedade Numismática Brasileira agradece a participação de todos que colaboraram direta e indiretamente com a realização desse concurso.

Abaixo seguem as 6 melhores redações classificadas, aonde foi mantida a escrita original, sem correção ortográfica.

### ***Redação Vencedora***

Querido amigo,

Como você está? Espero que esteja bem! O motivo de eu estar lhe escrevendo, é que descobri uma história fascinante! Quantas vezes compramos algo, recebemos troco, e nem percebemos o que o tem para nos contar, sobre a riqueza da história através dos anos, você se lembra de Alexandre o Grande? Você sabia que o rosto dele foi o 1º a ser estampado em uma moeda?!

Através delas podemos saber: qual alimento era mais produzido, quem governava, animais da região e etc. Ah muito tempo atrás eles usavam como dinheiro: sal, conchas, alimentos e até animais, se imagine indo na padaria comprar pão e trocar por um boi! Vê se pode uma coisa dessas!! Essa troca de mercadoria chamava-se ESCAMBO, a maior necessidade era de se trocar alimentos como o trigo, a carne por utensílios e tecidos, com o passar do tempo o metal começou a exercer esta função de valor, ele era portátil, durava e não se desmanchava no ar ou na água como por exemplo: o sal.

E aquela época as moedas eram feitas de metais preciosos como o ouro e a prata, hoje a nossa moeda é feita de latão! Hoje em nosso mundo há uma grande variedade de valores, tais como: o real (que é a nossa moeda) nos E.U.A. é o dólar americano, e também o Euro que é a moeda forte no lugar do dólar.

Junto com as moedas podemos descobrir ou estudar várias matérias tais como: história, geografia, matemática, flora, fauna, e outros mais, há uma imensidão de curiosidades que podemos descobrir através das moedas:

Como já comentei antes, dinheiro não era só metal, existiam vários tipos de materiais, agora quero lhe contar sobre a criação da moeda: Ela veio lá de longe, lá na região do Mar Mediterrâneo onde hoje é a Turquia, foi um povo chamado Lídio que bem antes de Cristo usaram ouro e prata para fazer inscrições com nomes e figuras!

Mas, como nada se cria tudo se copia os gregos copiaram a idéia dos Lídios e usaram esses pequenos discos como forma de valor, você já sabia que a primeira cidade grega a usar moeda foi EGINA que fica em uma pequenina ilha?! Esta moeda tinha o emblema de uma tartaruga, pois era o animal símbolo do lugar.

Depois de Egina outras cidades gregas começaram a produzir moedas como Atenas e Corinto, nas antigas moedas gregas podemos perceber imagens de divindades para os gregos tais como: Zeus, estas imagens eram escolhidas para representar a cidade, mas não só imagens de divindades, de produtos como o trigo, também seres mitológicos como a famosa Medusa, ninfas e outros.

Você se lembra que comentei sobre Alexandre e seu rosto em uma moeda, em seguida os Imperadores começaram a ter sua face estampada em moedas, isso significava poder, pois esta moeda circulava em muitos locais longes de onde o Imperador estava, e como não havia televisão para levar as informações, as



moedas anunciavam ao povo o Imperador atual.

Uma coisa muito interessante é que a palavra moeda é de origem latina, romana, sua origem na Deusa protetora do dinheiro.

Juno moneta, porque em seu templo faziam-se moedas.

A produção de moeda se chama cunhagem, e agora vou lhe contar como eram feitas, uma a uma, eles a faziam, uma pequena parte de ouro ou prata era aquecida e ficava entre uma base e um material chamado cunho que era uma espécie de carimbo, depois deles baterem como tal cunho com uma marreta era um grande impacto, e o desenho ficava marcado no metal, todo esse processo se denominou cunhagem manual, que as pessoas utilizaram até o século XVI, que começou a surgir máquinas que eram movidas por animais, água ou escravos.

Você se lembra que em história aprendemos sobre o império Bizantino? Até este império faz parte das moedas e sua história! Aprendemos sobre as moedas Bizantinas tinham características de lâminas de metal e que eram finas e que com o impacto da cunhagem ficavam côncavas.

Os Bancos começaram a surgir na Idade Média ocidental, pois as pessoas por segurança deixavam seus objetos valiosos com comerciantes.

Agora que lhe contei bastante sobre a história do mundo através das moedas, vou lhe falar sobre o nosso dinheiro, sabia que em 1942 prá cá ele mudou 8 vezes! Cruzeiro, Cruzeiro Novo, Cruzeiro novamente, Cruzado, Cruzado Novo, Cruzeiro de novo, Cruzeiro Real e agora Real que surgiu em 1994!

Nos vemos em breve...

Um grande abraço...

Beijos...

*Gabriella Comparato*  
8ª A  
*EMEF Conde Pereira Carneiro*

## ***Redações Classificadas***

Prezado Senhor,

Estou muito grata pelos conhecimentos que a Sociedade Numismática Brasileira trouxe para mim, assim como o estudo da moeda e também o papel-moeda.

Aprendi que o dinheiro tem muito valor em nossa vida, soube do seu passado, vi que as moedas tinham formato estranho, que eram feitas de ouro e prata, e que apresentavam pessoas, objetos e animais importantes para seus países de origem.

Fiquei surpresa com o desaparecimento da nota 10 reais de plástico, que aconteceu muito rápido. Para entender mais fui ler a sua história e soube o porquê: ela estava custando mais do que o seu valor. Para ser produzida dava prejuízo, daí tiraram de circulação.

Quis conhecer a história de Cleópatra, aprendi que ela foi rainha do Egito, pertencia a dinastia dos faraós Ptolomeus, fundada por um dos generais de Alexandre da Macedônia. Cleópatra era muito importante, foi a sétima com esse nome, viveu durante 40 ano, ela também falava três línguas (latim, grego e egípcio).

Como também não sabia por que as notas têm desenhos de animais, fui investigar e descobri que significa que estão em extinção, por exemplo: a tartaruga marinha, o mico-leão-dourado, a onça pintada e outros, essa é a maneira sobre o que estamos fazendo com a natureza, estamos mexendo no habitat natural desses animais.

Atenciosamente,

Ana Carolina Rodrigues Costa

Ana Carolina Rodrigues Costa  
8ª SÉRIE  
EMEF IBRAHIM NOBRE



Querido Tio Omar,

Nesta carta, envio-lhe um desafio! Por um acaso, você, o sabixão, já ouviu falar ou sabe o que é “Numismática”? (Ou “Numismatics” como se diz aí no seu país!)

Acho que te peguei desta vez!!! E caso você não saiba e esteja encucado com essa palavra, acho que posso te dar uma ajudinha, já que este mês, em minhas aulas de história, este foi o principal tema!

Vamos lá! Numismática, é a ciência que estuda papel-moeda, moedas, medalhas e coisa do tipo.

Semana passada, a minha classe assistiu a um pequeno vídeo em uma palestra sobre a numismática. Foi interessante, nós vimos que os símbolos desenhados nas moedas eram normalmente criaturas mitológicas, autoridades da época e alguns animais valorizados. Alias essa atividade era a chamada cunhagem, que era feita em ouro, prata e bronze. Também vimos que a moeda e as cédulas, se deram origem depois do escambo, a moeda de metal mostrava vantagens, pois era de fácil transporte e fácil armazenamento, já a cédula surgiu bom tempo depois...

Eu aprendi, que elas, as cédulas tem alguns itens de segurança, como aquele fio de segurança que atravessa a cédula de alta abaixo e possui a propriedade magnética.

Mas uma coisa que eu achei super interessante, foram os antigos formatos das moedas, muito diferentes e exóticas ao contrário de hoje, que são todas redondas com apenas tamanhos diferentes...

Se eu for te escrever tudo o que aprendi sobre Numismática vai dar metros de carta, então pra encerrar vou te mandar mais alguns desafios... Mas antes um super básico, depois de toda essa aula, pensando rápido, o que é ... na verdade quem é um Numismata? Você vai ter que responder sozinho!!!

E outro... Você sabe de onde se originou a palavra salário? Essa eu posso te responder... Foi originada do pagamento dos soldados romanos que era realizado com SAL, um produto muito escasso na época!

Bem, espero que você me responda, e com a resposta certa do desafio!

PS- Depois eu te mando uma xerox da cédula de 100 cruzeiros que nós ganhamos naquela palestra que eu falei!!!

Beijocas, sua sobrinha

Camila a desafiadora

*CAMILA PEREIRA RODRIGUES DA SILVA*

*7ª*

*EMEF PROFª DAISY AMADO FUJIWARA*

---

Muitas pessoas acham que dinheiro é apenas um papel ou moeda que serve para termos as coisas, e de fato é, mas o que poucas pessoas sabem, é que o dinheiro tem história. E é isso que a numismática nos ensina.

As moedas nos contam a história de um povo, um tempo, um lugar, e isso que é legal, saber que nas moedas já retrataram, deuses, animais e até personalidades, as transformações pelo tempo e mudanças da moeda nos países, inclusive no Brasil.

O mundo das moedas é magnífico e cheio de conhecimento, pena que a numismática é tão pouco conhecida.

*FERNANDA SOUZA DA SILVA*

*8ªB*

*EMEF VIANNA MOOG*

Querida prima Vanessa,

Como você está? Eu espero que esteja bem. E seu bebê já nasceu? Você já está trabalhando? E o pai do bebê está bem?

Semana passada eu fui na casa da vó Regina, e a Duda estava lá, ela está grande, bonita e muito bagunceira. Estou participando de um concurso muito interessante sobre a moeda, acho que você vai gostar.

Numismática é a ciência que estuda as moedas, papel-moeda e medalhas. Hoje quando perguntamos sobre dinheiro pensamos logo em moedas, cédulas, cheques e cartões de crédito. Mais antigamente as pessoas podiam trocar objetos como dinheiro, essa troca de mercadorias entre as pessoas chama-se escambo e havia uma relação para se determinar essas trocas. A moeda foi inventada no século VII A.C., pelos lídios, eram pessoas que habitavam em uma região da Ásia Central, a atual Turquia. As moedas eram feitas de um pequeno disco de metal era aquecido e colocado em uma base e um cunho (uma espécie de carimbo) e depois recebia um forte impacto com a aplicação do desenho. A utilização das moedas processou de forma rápida e se espalhou por todas as pessoas que adotavam um padrão comum, facilitando de forma definitiva o comércio no mundo antigo. Séculos depois, a partir do final do século IV A.C. , que rostos de pessoas passaram a ser utilizados nas moedas. Uma das primeiras manifestações de papel-moeda no Brasil tinham valor preenchido à mão, da mesma forma como os cheques são preenchidos, atualmente. Em 1694, D. Pedro II, rei de Portugal, criou, na Bahia, a primeira casa de moeda no Brasil. Atualmente o uso de cartão de crédito/débito e de cheque são mais comuns, o papel-moeda é mais utilizado como troco. A palavra “dinheiro” vem do latim denarius, foi um nome dado a uma antiga moeda do império romano.

LARISSA REGINA

LARISSA REGINA MIRANDA CRUZ

7<sup>a</sup>

EMEF PROF<sup>a</sup> ELZA MAIA COSTA FREIRE

Caro Augusto Souza Lobo

Primeiramente, que lhe saudar por ser o primeiro numismata profissional brasileiro, e bom, hoje é seu dia, dia do numismata.

Você e seus parceiros numismatas estudam a simbologia do dinheiro, o apego as coisas materiais, a avareza. Mas também destacam o equilíbrio e a justiça, a riqueza material e espiritual.

Como se sente, sabendo dos aspectos positivos e negativos dessa sua área de trabalho?

Acho que você gostaria de saber, como seu ato de pioneirismo avançou com o passar dos anos. A numismática, ciência que estuda as moedas, papel moedas e medalhas, tem feito muitas descobertas.

O dinheiro é o meio usado na troca de bens, mas não apenas como cédulas, moedas ou medalhas. No passado, os povos utilizavam objetos como forma de pagamento.

Animais, sal, conchas, alimentos, armas, ferramentas, fumo, cacau e tecidos, dentes de baleia, peles de animais, bacalhau, boi, pedras e até mulheres eram usadas como moeda de troca.

Este tipo de troca de bens por bens, se chama escambo. Na época o produto que tinha mais importância para a sociedade era o que tinha maior valor econômico.

O sal, por exemplo, em Roma, entre 509 e 27 A.C., era muito raro e útil para temperar e conservar alimentos, por isso passou a ser utilizado como dinheiro. Na Irlanda, entre o séc. 8 e 9, as mulheres eram trocadas por alimentos e terra com os vikings, que depois revendiam o produto para obter lucros. Em uma ilha da Micronésia, YAP, a pedra nos dias atuais fora utilizada como dinheiro, quanto maior seu diâmetro, maior era o seu valor.

Descobriram que a moeda tem origem na região da Ásia Central, foi criada por um povo que lá habitava no séc. VI A.C., os lídios que inicialmente utilizavam uma mistura natural de ouro e prata encontrada nos rios, o elétron, e depois o ouro e prata separados. Acreditam eles (religião local) que o ouro tem ligação com o sol e a prata com a lua. Os arqueólogos encontraram estas moedas, no templo da deusa Ártemis, na cidade de Éfeso (Turquia).

A aplicação do desenho na moeda era através de um tipo de carimbo, um pequeno disco de metal aquecido, era colocado entre uma base e um cunho. Estas imagens simbolizavam poder do reino, divindades, armas e animais, etc.

Por volta do séc. V A.C., a técnica de cunhagem se aperfeiçoou, e criaram as mais belas moedas de todos os tempos.

O método de troca através da moeda foi facilmente adaptado, mundialmente. As moedas eram produzidas nas casas daqueles que tinham mais poder de influência no local. Mais tarde, a moeda passou a propagar imagens específicas dos “poderosos”.

Era tamanha a quantidade de moedas, que as pessoas nelas grafadas começaram a ter grande publicidade.

O papel-moeda surgiu da necessidade de que na idade média, com a proliferação de guerras, os comerciantes tinham de negociar os pagamentos, e o papel-moeda era mais leve nas transações do dia-a-dia, e tinham maior valor.

Primeiramente eles eram usados apenas como recibos, mas depois foram utilizados como o próprio pagamento.

As primeiras manifestações do papel-moeda no Brasil foi como cheque manuscrito.

Os famosos tesouros de piratas até hoje ditos como existentes, são na verdade riquezas que as pessoas acumulavam para utilizar depois. O que ocorria era que na época, com muitas guerras, as pessoas eram mortas e os “tesouros” eram enterrados com o tempo. Atualmente, empresas trabalham neste tipo de assunto tentando encontrar moedas antigas valiosas. Mas os maiores “tesouros” ainda se encontram no fundo do mar.

Antes de lhe contar sobre o dinheiro atualmente, quero lhe informar um pouco mais sobre o dinheiro no império romano, que foi o que mais me fascinou. Com o crescimento do império, os romanos criaram um padrão para a moeda, com metais, tamanhos e valores, que é o método utilizado até hoje.

As moedas tinham imagens marcadas por fatos importantes, soberanos e fatos históricos.

Nesta época eles já tinham um sistema de produção melhor, em maior quantidade. A produção foi tão intensa, que ocorreu a primeira inflação da história, pode acreditar.

No Brasil os índios viviam do escambo, trocavam pau-brasil e alimentos com os portugueses, por ferramentas e utensílios.

Por mais de duzentos anos o único dinheiro que circulava na terra era o português. Até que em 1694, D. Pedro II, criou, na Bahia, uma Casa da Moeda, dando origem ao dinheiro brasileiro, réis.

Em 1808, D. João VI criou o Banco do Brasil (1º da América do Sul e 4º do mundo), dando origem ao papel moeda.

Atualmente, é muito utilizado uma forma de pagamento eletrônico, é um cartão de plástico com médio porte, quadrado e bem fino, que é nomeado cartão de crédito. O papel-moeda é outra forma bem comum no comércio atual. As moedas de ouro e prata tem sido produzidas com restrição e em menor quantidade. Geralmente, tem sido produzidas para homenagens.

Bom acho que já falei o bastante, acho que você já sabia de boa parte do que lhe contei, mas tomara que tenha aprendido alguma coisa nova com as informações escritas aqui assim posso enriquecer o seu conhecimento.

Tomara que no futuro exista uma máquina do tempo para que eu possa lhe entregar isto, e fazer com que fique feliz, pelo fato da numismática ter alcançado sucesso.

PS – Se esta carta lhe for entregue significa que a máquina do tempo foi inventada, ou surgiu outro avanço tecnológico do gênero.

Um grande abraço de uma fã

Mariana Castro Lopes de Mendonça

MARIANA CASTRO LOPES DE MENDONÇA  
8ª  
EMEF ARTHUR AZEVEDO

(Revista Numismática Ano VIII-IV-X – 1940/41/42)

## Carimbos do Piratiny

KURT PROBER

Convidado pela Sociedade Numismática Brasileira para colaborar no próximo número da Revista, resolvi apresentar aos meus colegas numismatas um breve estudo sobre os célebres CARIMBOS DO PIRATINY, outro problema árduo, dado às inúmeras opiniões divergentes e a falta quasi que absoluta de dados positivos.

Conclui há poucos dias um pequeno esboço sobre os carimbos do CEARA, que será publicado no próximo número da NUMARIA, e, no mesmo, comprometi-me á estudar aos poucos todos os nossos carimbos, dando na ocasião uma relação dos carimbos existentes, que á seguir repito para facilitar e orientar aos estudiosos, pois desejo fazer todos estes trabalhos no mesmo estilo:

- CARIMBO I — “960” de Minas
- II — “MATO GROSSO”
- III — De Escudete
- IV — “CUYABÁ” por extenso
- V — “960 C” de Cuyabá
- VI — Primitivos do Imperio
- VII — “ICO”
- VIII — “CEARÁ”
- IX — Maranhão
- X — Pará — applicados por MALCHER e VINAGRE
- XI — PIRATINY
- XII — Geral
- XIII — Divino Espirito Santo (particular).



Nos meios numismáticos, propriamente ditos, nada se tem publicado de positivo, até a data presente, sobre os carimbos PIRATINY, que na relação supra figuram sob o grupo XI, preferindo a maioria dos colecionadores guardar silêncio sobre os mesmos a laborar em erro, resultando daí, que os novos colecionadores até desanimam, pois só escutam a eterna máxima, "... é falso... é falso...". Quer dizer que os nossos "mestres" para não se darem ao trabalho de divulgar os seus conhecimentos, preferem desanimar os colecionadores novatos, que julgam, pelas informações que recebem, ser o nosso meio numismático uma "autêntica agremiação de falsificadores", deixando de colecionar peças contramarcadas, o que, aliás, é a parte mais bela da numismática brasileira.

Antes de entrar em detalhes, enumerarei, á seguir, na íntegra, as esparsas citações feitas pelos poucos autores que escreveram sobre a nossa numismática, o que até há bem pouco constituía tudo que a respeito dos carimbos PIRATINY conhecíamos:

JOÃO XAVIER DA MOTTA — "*Moeda do Brazil 1645-1888*" — Edição Melhorada, Porto - 1889:

Pag. 80/81 — "A guerra civil do Rio Grande do Sul começou no dia 20 de Setembro de 1835, e terminou no dia 28 de fevereiro de 1845.

Os revoltosos deram á provincia a denominação de Republica de Piratinim.

Não consta que o governo republicano tomasse alguma deliberação a respeito de moeda. Suppõe-se, porém, que, nas moedas que circulavam, fôra posto um carimbo republicano — duas mãos segurando uma espada, com a ponta para cima, suspendendo o barrete phrygio resplendente, em um pequeno escudo oval, como demonstração de novo regimen da antiga provincia brasileira.

Se for certo que este carimbo foi da Republica de Piratinim, deve fazer parte da moeda do Brazil, por isso que circulou em territorio brasileiro, embora sob denominação republicana.

No catalogo, pois, descreveremos duas moedas com tal carimbo, cujos valores ignoramos.

Pag. 164 — Uma moeda de 2 soldos das Províncias do Rio da Prata — 1825 c/carimbo.

Uma moeda de 40 reis do Brasil de 1830 R c/carimbo . . .”

SATURNINO DE PADUA — “*Guia do Collecconador de Moedas Brasileiras*” — Rio de Janeiro, 1928 — á pag. 137.

“*Moedas Brasileiras (Guia do Colecionador)*” 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, 1941 — á pag. 177.

“... Republica do Piratiny — Em 1835, os revolucionarios no Rio Grande do Sul iniciaram o movimento que em 1836 tomou o carater separatista e o intento de estabelecer o governo republicano na Provincia, com a denominação de Republica do Piratiny.

Toda a moeda que circulou nos pontos que iam sendo ocupados pelos separatistas, desde 1836, recebia um carimbo, de concepção e fabrico uruguaio e especialmente destinadas ao pagamento dos gaúchos da Banda Oriental, que estavam ao serviço da revolução, cujo carimbo era de forma ovoide e lembra as Armas dos países ispano-americanos, além de conter em castelhano o nome do mês do início da rebelião...”

Pag. 178 — *Carimbo das Moedas de Prata.*

Duas mãos enlaçadas mantendo pelo punho uma baioneta tendo na ponta um barrete frigio sobre um fundo irradiado e à esquerda — 20 —, à direita — 7 BRE — e em baixo — 1835 — entre florões, que é a data official do dito movimento, que durou até 1845.

Não há nada melhor do que ser positivo, principalmente quando se dispõe de um arquivo particular, como o Snr. Saturnino que diz claramente ser o “carimbo de concepção e fabrico uruguáio”, que “a carimbagem foi feita especialmente para pagar o soldo dos gaúchos da Banda Oriental”, e que, finalmente, a tal vulgar espada era “baioneta”.

CHAS. A. BAUMANN — “*Numismatica Brasileira*” — Alto de Theresopolis, 1938.

Pag. 83 — “... Em consequencia da revolução na Provincia do Rio Grande do Sul (Guerra Farrroupilha, de 20 de Setembro



1835 até 1845) não se podia cumprir alli a Lei. O Governo republicano, porém, tratou de recolher a moeda de cobre, emittindo em troca conhecimentos no valor de 100\$000.

Os revoltosos deram á Provincia a denominação de Republica de Piratiny. As moedas, que circulavam nos lugares occupados pelos republicanos recebiam um carimbo oval representando duas mãos segurando uma espada com a ponta para cima suspendendo um barrete phrygio sobre um fundo irradiado; á esquerda e á direita da espada a data; 20 - 7bre e no exergo a era 1835. Esse carimbo foi applicado tanto ás moedas de prata como ás de cobre (Fig. 16). Este carimbo, descripto pelo Snr. Saturnino de Padua á pag. 137 da sua "Guia do Collecçionador de Moedas Brasileiras", é differente do carimbo reproduzido por Julius Meili no seu livro "Die Muenzen des Kaiserreichs Brasilien", de 1890. Estampa X, Numeros 69/71 que não trazem a data 20 - 7bre - 1835.

Ainda reproduzo aqui (Fig. 18) XIDA! — Meia Balastraca que Meili no seu livro "O Meio Circulante no Brazil", Vol. II Estampa XLV, N.º 5, considera como moeda carimbada particularmente durante a guerra do Paraguay..."

Embora este autor seja mais ponderado nas suas afirmações, á ponto de não especificar a era da applicação dos carimbos, observa-se claramente a influencia das obras de Jul. Meili e de SATURNINO.

AUGUSTO DE SOUZA LOBO — "*Catalogo da Collecção Numismatica Brasileira*" — Rio de Janeiro, 1908.

Não possuindo Souza Lobo aparentemente nenhum carimbo PIRATINY em sua famosa coleção, preferiu calar-se sobre o assunto, referindo-se, na pag. 196 de sua obra, sómente, ás balastracas e guayacas.

"... As guayacas, embora com apparencia de moeda, não tinham circulação monetaria; eram um ornamento para cintos e arreios, usado geralmente pelos Gaúchos nos pampas. A applicação para este effeito está plenamente provada pelos vestigios do pé que se vê ainda na maior parte dellas. Outro tanto, porém, não se deu com as balastracas, que

tiveram ampla circulação nas províncias do Sul. As balastracas corriam por 400 réis cada uma, que era o valor dado naquella tempo á peseta; a escassez de moeda auxiliar para as transacções do commercio, occasionou a subdivisão destas moedas em meios e quartos, com o valor de 200 e 100 réis; esta operação era feita por córte de talhadeira, o que raramente igualava o peso das partes divididas. .”

O Dr. Edgar de Araujo Roméro, por sua vez, deixou completamente de mencionar nos seus pontos do “*Curso de Museus*” estes interessantes carimbos.

Quanto á Julius Meili transcrevo (em tradução) textualmente a citação feita na pag. 154 (1905):

“... Devido a revolução reinante na Provincia do Rio Grande do Sul, o troco do cobre lá não poudo ser feito de conformidade com a lei, acontecendo, porém, que o govêrno republicano tambem fazia o recolhimento das moedas de cobre, trocando-as por conhecimentos na importância de 100\$000 (veja gravura N.º 100 do meu III Volume).”

Neste mesmo livro de 1905 na plancha XXVIII sob N.º 158 é reproduzida ainda uma moeda de 40 réis de 1826R - 24 tulipas, com um carimbo parecido ao XIAA, enquanto em edição anterior de 1890 (Plancha IX N.º 70) é ilustrada uma peça de 8 reales da Colombia de 1821 com um carimbo differente, ao qual dei o numero XIAE.

E’ curioso observar que Meili classificou o carimbo PIRATINY sob o grupo “*Contramarcas Particulares*”.

Fica patente, pois, a insuficiência de dados que até aqui possuímos sobre os carimbos PIRATINY, de que resultou que os céticos continuavam com a razão, “que toda a carimbagem é illusoria, sendo falsos todos os carimbos”, e para melhor poder impôr a sua opinião aos seus semelhantes, citavam os celebres trunfos:

- ... “vi um cunho (ferro) de PIRATINY, falso, na officina de medalhas tal, no Rio, que carimbava moedas para o colecionador “pinheiro de tal”...
- ... “vi na casa de um “barbado de tal” uma lata cheia de moedas com carimbos PIRATINY, e todas as moedas eram raras...”
- ... “que o “capitão fulano de tal” tem um caixão de moedas de



PIRATINY, mas que por ser ele consciencioso nunca vende estas peça, presenteando-as, apenas...

etc. etc., o que é mais curioso, é que, a maioria dos informantes, embora todos sejam "coleccionadores" e consequentemente deveriam ser excelentes observadores, pode afirmar com segurança, qual o tipo de carimbo que viu. Sómente o Snr. Walter Heckmann se lembra que num grande lote de carimbos, por ele visto, todos eram do tipo com a palavra PIRATINI.

Em resumo, a história é sempre a mesma, culpar os "lobos numismatas", todos já mortos e portanto indefesos, pela fabricação de moedas cuja origem não se pode ou não se quer estudar.

Finalmente foi a velha questão dos carimbos ventilada em 1935 pelo Desembargador Florencio de Abreu, em brilhante trabalho publicado nos "*Anais do Primeiro Congresso de Historia e Geografia Sul Riograndense*" - Volume III, pag. 91 - 128, mas infelizmente também este autor pregou no "deserto numismático", pois poucos conhecem o trabalho, outros colegas o escondem, e, finalmente, outros embora em 1941 não mais "escreviam por obrigação funcional" deixam de tomar em consideração este estudo, repetindo na integra o que já 13 anos antes haviam publicado.

Não sendo coleccionador o Desembargador Florencio de Abreu (antes fosse, pois assim teríamos um colega esmiuçador), naturalmente deixou de mencionar certos pequenos detalhes que, á seguir, tratarei de expôr, transcrevendo, porém, sempre que fôr possível, as proprias palavras do aludido autor, uma vez que melhor do que ele não poderei descrever a situação. Aqui e ali irei intercalando, alguns dados adicionais.

Para facil compreensão do assunto, entretanto, darei antes uma copia fiel de toda a publicação do jornal "O POVO", de 31-10-1838 - N.º 18, Vol. I, constando da célebre "LEI DO COBRE" de 8 de Julho de 1838, e dos comentários do redator: (\*)

O POVO — Jornal Politico, Litterario, e Ministerial  
da Republica Rio-Grandense.

Piratini, Quarta Feira 31 de Outubro de 1838 - N.º 18 - V. I

Piratini 8 de Julho de 1898 - Terceiro da Independencia e da Republica  
Considerando que as actuaes circunstancias do Paiz haó dado azo ao

(\*) Agradeço ao colega Sr. Oswaldo Guaranha, Porto Alegre, a gentileza de me ter conseguido o texto desse jornal.

Governo do Brasil, e á seus Agentes a emittirem para elle, não só pelos portos das Lagoas dos Patos, e Mirim, e rios confluentes, mas ainda por São Servando, e Montevideo toda a moeda de cobre, que não recolhida em tempo competente, se acha sem valor nos mercados do Imperio, ou mesmo aquella que recolhida legalmente, não pode ali girar sem perda d'ametade do valor do cunho, isso pelo sordido interesse de crear ephemeros capitaes, para entreter a ruinoza guerra, que sustenta contra os princípios Americanos, gloriosamente desenvolvidos neste Continente; e convindo de prompto tirar ao inimigo o immoral recurso, de que lança mão para hostilizar-nos, e pôr á coberto de total ruina a fortuna, e prosperidade deste nascente Estado, o Presidente da Republica, tendo ouvido o Conselho de Ministros, e o parecer de pessoas illustres, Decreta:

Artigo 1.º — Os possuidores da moeda de cobre actualmente em circulação deverão recolhê-la nas Collectorias do Estado, ou nas Comissoens para esse fim, e em lugares apropriados, estabelecidas pelo Tribunal do Thezouro Publico, e receberão documento do pezo, e valor das quantias recolhidas.

Art. 2.º — Esta operação terá lugar, a saber: nas Collectorias desta Cidade, Bagé, Herval, Jaguarão, Pelotas, Cangussú, São João, Dolores, Triunfo, Rio Pardo, Soburbios de Porto Alegre, e Santo Antonio da Patrulha, desde o dia 15 ao ultimo de Setembro proximo futuro; e nas mais Collectorias desde o 1.º ao ultimo do referido mez.

Art. 3.º — A proporção que nas Collectorias, e Comissoens se forem recebendo o cobre em circulação, os Collectores, e Commissionados hirão pezando e apartando a moeda falsa da legal, de que farão as competentes a notações, e numeração, para conhecimento de quem pertencer.

Art. 4.º — A moeda falsa será cortada na presença do proprietario, e á elle entregue na occasião de se lhe dar o troco da quantia recebida.

Art. 5.º — Julgar-se há falsa, e como tal sujeita á todas as disposições á respeito, a moeda de cobre que não tiver o pezo a saber: 80 rs. sete oitavas, 40 rs. tres oitavas e meia, e 20 rs. huma oitava e trez quartos, e assim tambem as antigas moedas de dez, e cinco rs.

Art. 6.º — Os documentos dados em troco da moeda de cobre recebida nas Estacções, de que se faz menção no Art. 1.º seraõ assignados por todos os Membros das Collectorias, e Comissoens, e á ellas voltaraõ impreterivelmente de 28 ao ultimo de Setembro.

Art. 7.º — Immediatamente que nas Collectorias e Comissoens se forem apresentando os documentos, de que se faz menção no artigo anterior, aos



proprietários se entregará o cobre delles recebido pelo valor, a saber: moedas de 80 rs. por 20 rs., de 40 rs. por 10 rs. e de 20 rs. por 5 rs.; como também a falsa, de que trata o Art. 4.º, os 25 por % da dedução mencionada no Art. 19, e o restante para preencher a quantia entrada se dará em conhecimentos do Governo.

Art. 8.º — Ultimada no ultimo de Setembro toda a operação do troco do cobre, entrará elle nos pagamentos legais, e quaes quer outras transações como moeda forte pelo valor estabelecido no Art. antecedente, e em concurso com os conhecimentos do Governo, prata, e ouro na proporção seguinte: cobre 20 por %, conhecimentos 30 por % e o restante em prata e ouro no valor; Onças de ouro 15\$360, meias dobras a 8\$000 rs., moedas de 4\$000 a 4\$200 rs., Pezos fortes, e Patacoens a 960 rs., e todas as moedas de menor quantia pelo valor do cunho.

Art. 9.º — Os Introdutores, e fabricadores de moeda falsa; os falsificadores e introductores de conhecimentos, documentos, e papeis fiduciarios da Nação, de qualquer denominação que elles sejaõ, serõ punidos pela primeira vez, com o triplo das penas marcadas nos Artigos 173 e 174 do Código Criminal, e nas reincidencias com o sextuplo das mesmas penas.

Art. 10.º — Além dos Empregados das Collectorias, os Collectores de accordo com os Juizes de Paz, e Commandantes de Policia do Districto, á q. pertencerem, que serão Membros natos das Comissões do troco, onde as houver, nomearão das pessoas residentes nos mesmos Districtos seis das mais aptas, e de publico conceito para os coadjuvar neste trabalho, á fim de que o troco da moeda cobre seja feito com a possível authenticidade.

Art. 11.º — Logo que os Collectores, e Commissarios receberem o Presente Decreto, o farão publico por Editaes, nos quaes inserirão os nomes das pessoas, que tem de os ajudar nesta operação, para conhecimento do Publico.

Art. 12.º — O expediente do troco se fará sem interrupção de Domingos, Dia santo, ou feriados desde as oito horas d'amanha ás trez da tarde, aviando-se os portadores da moeda com a possível brevidade; e para manter-se a tranquillidade, e boa ordem os Collectores, e Commissionados pedirão o auxilio preciso aos Commandantes de força do Exercito ou aos Commandantes de Policia, e Juizes de Paz, que o deverão prestar sem a minima repugnancia.

Art. 13 — Os portadores da moeda de cobre a apresentaráo acompanhada de huma nota, que contenha o nome do dono, e o valor total, designando



— TANTO em moedas de 80 rs. com o pezo TAL. — TANTO em moeda de 40 rs. com o pezo TAL — e assim todas as classes de moeda.

Art. 14 — A moeda apresentada não soffrerá mais que as seguintes averiguações: 1.º se hê moeda de cobre, e 2.º se tem o pezo declarado pelo portador; isto feito na prezença de todos os Membros da Commissão do troco, o Collector, ou Commissionado receberá a moeda, e entregará o documento, de que trata o artigo 1.º, que será assignado por todos os Membros da Collectoria, ou Commissão á que pertencer.

Art. 15 — Quando aconteça não serem bastantes os Conhecimentos para o troco, os Collectores, e Commissionados farão suprir a falta, pedindo das Collectorias, e Comissões mais proximas os que lhes faltar, e no caso de os não haver, darão documentos, com as formalidades declaradas no artigo antecedente, que serão depois trocadas por Conhecimentos remettidos do Thesouro.

Art. 16 — Se porem sobraem alguns Conhecimentos recebidos do Thesouro, depois de concluido o troco serão cuidadosamente guardados, e com segurança reenviados ao mesmo Thesouro, para serem applicados as faltas declaradas no artigo anterior, e á substituição de dilacerados: estes sendo recebidos, e recolhidos ao cofre para se conferirem, serão inutilizados publicamente.

Art. 17 — Cada hum dos Collectores, e Presidente de Comissoens dará conta circunstanciada ao Thesouro de todo o occorrido no troco, immediatamente que este se concluir; depois do que principiará a recepção dos direitos á seu cargo pela maneira descripta no artigo 8.º e assim os pagamentos. A conta remettida ao Thesouro deverá ser assignada por todos os Membros das Collectorias, e Comissões do troco.

Art. 18 — He calculada a moeda de cobre em circulação no Estado na quantia de secenta Contos de reis, divididos na proporção seguinte:

|                                           |             |
|-------------------------------------------|-------------|
| Piratini . . . . .                        | 16:000\$000 |
| Rio Pardo . . . . .                       | 8:000\$000  |
| Soburbios de Porto Alegre . . . . .       | 5:000\$000  |
| São Borja . . . . .                       | 3:000\$000  |
| Cruz Alta . . . . .                       | 3:000\$000  |
| Triumpho, e Suburbios . . . . .           | 3:000\$000  |
| Caxoeira, e Cassapava . . . . .           | 3:000\$000  |
| Dorres, Barra, e Pedras brancas . . . . . | 3:000\$000  |
| São João e Boqueirão . . . . .            | 3:000\$000  |





N.

**REIS 10\$000**

*Vale o presente Conhecimento a quantia de Deis mil reis 10\$000 que  
 será recebida em todos es Repartiçoēs Fiscaes do Estado, e paga ao  
 portador em moeda forte em os prazos marcados no Art.º 21 do De-  
 creto desta data, precedidas as solemnidades marcadas nos Artigos 22.  
 23. 24. 25. e 26. do mesmo Decreto. Piratini 8 de Julho de 1838.*

O Presidente do Tribunal do Thesouro.
O Inspetor do Thesouro.

Cópia do exemplar existente na coleção do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro



GUAYACA

de trinta e trez contos de reis, serão pagos no prefixo prazo de dous annos e meio, pela maneira seguinte:

|                                           |            |               |
|-------------------------------------------|------------|---------------|
| No 1.º de Abril de 1839 . . . . .         | 6:600\$000 | } 33:000\$000 |
| No 1.º de Outubro do mesmo anno . . . . . | 6:600\$000 |               |
| No 1.º de Abril de 1840 . . . . .         | 6:600\$000 |               |
| No 1.º de Outubro do mesmo anno . . . . . | 6:600\$000 |               |
| No 1.º de Abril de 1841 . . . . .         | 6:600\$000 |               |

Art. 22 — Vinte dias antes do apazado para os pagamentos mencionados no Artigo anterior o Presidente do Tribunal do Thezouro o fará publico por Editaes, em que declare, que se procederá á sorteamento os numeros dos Conhecimentos em circulação, para serem pagos aquelles que a sorte designar.

Art. 23 — No dia apazado, posta a Urna em cima da meza da salla, para esse fim destinada, se procederá com todas as formalidades ao sorteamento; e os Conhecimentos, cujos numeros successivamente forem sahindo athé preencher a somma amortizavel, serão pagos aos portadores immediatamente que os apprezentarem.

Art. 24 — O Thezoureiro da Caixa de amortisação, para este fim expressamente creada, sem precedencia de mais ordens, ou determinação á respeito, proçederá ao pagamento dos Conhecimentos sorteados, logo que lhe forem apresentados.

Art. 25 — Os Conhecimentos resgatados, sempre que excedaó á somma de duzentos mil reis, serão queimados com as solemnidades do estillo.

Art. 26 — Para resgate dos Conhecimentos emittidos ficaó applicados todos os rendimentos de importação, os de exportação para Saó Paulo, o producto dos arrendamentos dos Proprios Nacionaes, e das propriedades sequestradas aos inimigos da Republica, o da Subscrição voluntaria para as despezas da presente guerra, os do Emprestimo decretado em 29 de Maio de 1837, e os descontos da referida Caixa de amortisação.

Art. 27 — Do primeiro de Outubro proximo futuro em diante o Inspector Geral do Thezouro remetterá a Caixa de amortisação todos os rendimentos de que se faz menção no Artigo precedente, sem necessidade de ordem previa para verifical-o.

Art. 28 — Fica debaixo da exclusiva responsabilidade do Inspector Geral do Thezouro, ou de quem suas vezes fizer, o exacto cumprimento do artigo anterior, sob pena de perdimento do emprego se o contrario praticar, salvo no cazo de coacção por força notoria.



Art. 29 — A Directoria da Caixa de amortisação se comporá de trez Membros, a saber: de hum Presidente, que será o Contador do Thesouro; de hum Escrivão, que será o Official Maior da Contadoria; e de hum Thezoureiro, que será o Thezoureiro Geral do mesmo Thesouro.

Art. 30 — Os Empregados da Caixa de amortizaçáo exerceraó cumulativamente este, e os mais empregos para que foraó nomeados, sem que por isso tenhaó outros Ordenados; á elles compete o arranjo, escripturaçáo, economia, e transacções da Caixa; e ao Tribunal do Thesouro a immediata fiscalizaçáo da mesma.

Art. 31 — Logo que a Caixa de amortizaçáo forem entrando os productos dos direitos, que lhe saó consignados, a Directoria os hirá pondo á rendimento em maós seguras, e sob indosso de pessoas idoneas, e abonadas athé a quantia de 6:600U000 correspondente á quota dos Conhecimentos amortizaveis; porem de forma tal, que no dia prefixo para o pagamento sorteado esteja em Cofre a dita quantia, á fim de naó haver a minima falta na prompta entrega da importancia dos Conhecimentos apresentados, como dispõem o Art. 24.

Art. 32 — Todo o capital excedente á somma amortizavel a Directoria applicará na compra dos Conhecimentos em circulaçáo, aproveitando o desconto do avanço, ou aquelle pelo Commercio estabelecido. A disposiçáo deste, e do Artigo anterior hé applicavel as transaçoes da Caixa athe o resgate total dos Conhecimentos emittidos.

Art. 33 — As dividas contrahidas entre particulares, como aquellas entre estes e o Governo, pagaveis á prazos naó vencidos ainda, seraó satisfeitas pela maneira designada no Art. 8.º, porém sob a baze de 1U600 rs. o patacão de prata.

Art. 34 — Ficaó revogadas todas as Leis em contrario.

Manda por tanto á todas as Authoridades, á quem o Conhecimento, e execuçáo deste Decreto pertencer que o cumpraó, e façáo cumprir como nelle se contem. O Secretario d'Estado dos Negocios de Fazenda o faça imprimir, publicar, e correr.

*Bento Gonsalves da Silva*

*Domingos José de Almeida*

Cumpra-se e registre-se.

Piratini 8 de Julho de 1838.

*Almeida*

A' seguir o comentário do redator do jornal:

"O bem publico he a Lei suprema, elle altamente falará a favor das medidas tomadas pelo Governo á prol da Causa Republicana que adoptámos.

A introducção escandalosa da moeda de cobre no Estado, pelos agentes do vicioso Governo do Rio de Janeiro, em demanda dos metaes preciosos de Republica, para privar-nos dos recursos por ventura obtidos do estrangeiro, huma vez que nós meramente consumidores, faltando-nos este unico meio de permutação, ficaríamos como bloqueados por todas as partes, e no caso da tomada de Porto Alegre, Rio Grande, e Norte com os abundantes depositos deste ruinoso meio circulante; no que, alem de minorar boa parte de sua divida enorme, nos pôria talvez na terrivel alternativa de voltarmos a antiga dominação, ou de despenhar-nos no vortice de discordias interminaveis, e quiçá de nosso total anniquilamento, moveo ao Governo da Republica, depois de detida reflexão sobre assumpto de tanta importancia, e de bem medir os resultados efficientes, e remotos d'elle, a promulgar o Decreto, que deixamos transcripto.

Naó campando de economistas, particularmente em materias financeiras, nos abstemos de todo e qualquer encomio acerca do systema desenvolvido no referido Decreto, posto que nos pareçaó seguras as bazes sobre as quaes se apoia, para conseguir os fins a que se propoz: provaremos nossa asserção confrontando-o com a Carta de Lei de 3 de Outubro de 1833, producto das vegílias de homens, cujo saber alias muito respeitamos; mas que ainda huma vez deraó o triste espectaculo do pouco que seguros saó os juizos humanos, quando preocupados pelo espirito de partido, e de interesse.

Permettindo, pois, a Carta de Lei citada, que no prazo marcado para o recolhimento do cobre, se trocassem as Sedulas que se apresentassem, e o Regulamento para a sua execuçaó, que aos portadores se dessem em moeda legal as demazias, que em dittas Sedulas senaó pudessem preencher, patente ficou a todas as luzes que esta operaçaó nada mais tinha por objecto, que entreter o Povo, e extorquir-lhe os 5 por cento da deduçáo das quantias entradas: porém tal era a indole desse povo, tal o apego as obras de seus Committedentes, tal o seu amor ao bem do paiz, que apesar de conhecer o doloza trama que se lhe urdia para se lhe arrebatara 5 por cento de seus capitales, apezar de conhecer que o remedio apparente era peor mil vezes que o mal, por isso que seria o precursor de attrevidas operações de credito, afim de habilitar-se ao Governo para esmagar o progressivo espirito da Liberdade, não trepidou todavia em depositar sua fortuna em maós de quem taó aleivoza, e descaradamente o trahia. O que se ha seguido áquella medida immoral está



na comprehensão de todos; o alluviaó de cobre, o papel depreciados, de repente atirou para fora de nossos mercados com toda a moeda preciosa que ainda nelle corria, a ageotagem appareceo, e a miseria publica subio de ponto.

Para subtrair-nos aos effeitos daquella Lei perniciosa, para resvalar-nos ao cancaro da moeda do Brasil, bem como fizemos de sua associaáo oneroza, preciso nos era de prompto a medida tomada pelo Decreto que fica estampado, para devolver antes da tomada dos pontos occupados, o generoso presente com que nos brindará o peternal Governo do Rio de Janeiro.

Calculada em consequencia a somma em circulaáo, e aquella prezumivel existente nos pontos de que se trata, ninguem de boa fé confessará naó estar-mos ainda na razaó de repellir-mos tanto aquella como esta, por isso mesmo que sendo diminuta huma, e extraordinariamente volumoza outra, tempo se naó diveria perder nos meios de neutralizar a ambas.

Contando o Governo, para tal fim, com o apoio do bom senso Rio-Grandense, todavia as extraordinarias exigencias de huma guerra, as susceptibilidades dos espiritos irritados pela natureza da mesma, e as sensações a proposito suscitadas por dissidentes e ignorantes com que se devia contar, o teria arrepiado desta carreira se naó estivesse seguro dos meios para a effeito levar taó util, quaó necessaria empresa.

Consciensioso pois o mesmo Governo de que — O BEM PUBLICO HE A LEI SUPREMA, E QUE ESTA ALTAMENTE FALLARIA A FAVOR DA MEDIDA EM QUESTÃO — passou atomala, dessendo o preço do cobre a hum ponto tal, que consitasse seu espontaneo regresso sem hezitaaó, e que o mesmo succedesse quando tomados os pontos ora occupados pelo inimigo: para estabelecer a confiança apresentou no Decreto vertente todo o plano desta operaáo financeira, como para segurar aos interessados de suas puras intenções; e para mais lhe garantir o promettido contra os abuzos do poder, depois da dotaáo dos mais pingues rendimentos da Republica; a poem fora de seu alcance como se vê do Art. 28. Onde se encontrará mais boa fé, e maiores respeitoos á propriedade publica!!! Onde mais acatamento ao Systema jurado!

Passaremos agora a examinar se a quantia substituida por Conhecimentos do Governo, será ou naó paga nos prazos marcados no Art. 21. Pelo Tribunal do Thesouro até hoje se tem arrendado vinte propriedades sómente, entre ellas muitas de vil rendimento, e todas tem produzido a quantia de 95:178\$000, sendo á vista 8:258\$600, e em Lettras venceveis a prazos diversos 86:819\$400. Partindo desta baze temos de contar sem fallencia com iguaes quantias produzidas nos Municipios de Rio Pardo, Triunfo, Setembrina, Santo Antonio da Patrulha, Cruz Alta, S. Borja, Alegrete, Cassapava,

e Cachoeira, e com o total de 951:780\$000; os quaes unidos a 14:120\$000 importancia dos direitos de 10:000 bestas muares a sahirem para S. Paulo, 1:000 rezes para municio dos conductores, e 400 cavallos para costeiro das tropas; e a 18:400\$000 producto de 23 Collectorias em seis mezes, calculado a 800\$000 cada huma, o que naó he exagerado, por ter só a desta Cidade em igual tempo rendido Rs. 13:480\$500, teremos no fim dos referidos seis mezes, a contar de hoje Rs. 984:300\$. Ora havendo cerca de 43:000\$ sómente em Conhecimentos a resgatar, naó pode tal verificar-se, ainda muito antes de seis mezes? Assim promette o Governo, e estando isso na relação dos interesses do Estado, nós o afiançamos.

Tranquilizem-se pois, os possuidores de taes Conhecimentos, e áquelles que se temem da ausencia do cobre; porque revestido o Governo de meios, e de força conveniente para firmar o bem de seus Concidadãos, consideração alguma o fará aberrar dos principios em que bazea sua Administração, embora as facções, a ignorancia, a preocupação, e a voráz intriga pretenda arredalo da marcha insetada. Elle vai substituir por Conhecimentos de 500 reis, dez tustoes, dous e cinco mil reis porção desses emittidos no troco do còbre, afim de occorrerem de prompto as transacções de pequena escalla, e quando em menos de quatro mezes, como suppõem, arredar a todos da circulação; quando desassombrada a Republica do cancaro roedor, que lhe queiria légar o Governo seu antagonista, gozar dos bens que a seus habitantes deve proporcionar a medida em questão, o Governo se dará por bem pago dos pequenos obstaculos com que tem deparado na sua execuçáo. ....”

---

Vamos ao que nos interessa:

A 6 de Novembro de 1836 foi anunciado na Vila do Piratiny a fundação da REPÚBLICA RIO-GRADENSE, que os imperialistas satiricamente denominavam de REPÚBLICA DE PIRATINY para diminuí-la. O seu primeiro Presidente foi Bento Gonsalves da Silva, o mesmo que mais tarde assinou a já citada LEI DO COBRE de 8-7-1838, juntamente com Domingos José de Almeida, Secretário do Estado dos Negocios da Fazenda, verdadeiro fenomeno em matéria de finanças, tal a habilidade com que tratou das finanças da Republica.

“Vitorioso o movimento liberal, apoderaram-se os revolucionários do Governo da Província, com todos os seus recursos materiais; e, com o intuito de poderem fazer face às despesas que a revolução impunha, lançaram mão



de dezenas de contos de réis, em moeda de cobre, que já se achavam recolhidas à chamada CASA DO TROCO, em Porto Alegre. (43) — Era nesta Casa do Troco onde haviam sido trocados por cédulas as moedas de cobre com a dedução da senhoriagem de 5 %, de conformidade com a Lei N.º 52 de 3-10-1833.

Prova a existência da Casa do Troco de maneira indiscutível, que esta Lei foi executada na Província do Rio Grande do Sul, confirmando-o ainda, a observação do comentarista do jornal O POVO, quando diz:

“... patente ficou a todas as luzes que esta operação nada mais tinha por objecto que entreter o Povo, e extorquir-lhe os 5 por cento da dedução das quantias entradas...”

“Se essa espécie de moeda, entrando logo em circulação, trouxe de momento algum recurso necessário à causa revolucionária, posteriormente, infiltrando-se mais cobre do Império no território da República e por um valor muito superior ao seu próprio valor intrínseco, estava acarretando, em consequência da lei de Gresham, a evasão da moeda boa, isto é, de prata e ouro, em detrimento da economia do nascente Estado. Tal era a nociva influência dessa moeda de cobre na circulação dos valores, que a denominara Almeida de “moeda podre do Brasil” (44); e, de comum concerto com os homens de maior responsabilidade da República, assentaram o plano de empreender a sua conversão, medida de grande relevância que teve a sua realização prática baseada em decreto de 8 de Julho de 1838, que em seu preambulo justifica de maneira efusiva a conversão.”

De acordo com o seu artigo 18.º, estimava o aludido decreto toda a moeda de cobre em circulação no território da República em, mais ou menos, 60 contos de réis, moeda esta que os seus possuidores deveriam “recolher nas coletorias do Estado, ou nas comissões, para esse fim estabelecidas pelo Tribunal do Tesouro, em lugares apropriados, recebendo documento de que constavam o peso e valor da quantia recolhida. A entrega das moedas devia ultimar-se até o último dia de setembro do mesmo ano de 1838. A pro-

(43) Processo dos Farrapos, Vol. I.

pag. 203 “roubarão para mais de trezentos Contos de trezentos digo de trezentos a quatro centos Contos de moeda de Cobre que existia nesta Cidade na Casa do troco.” (Set. 1836).

pag. 213 “como roubarão em moeda de cobre a importância de duzentos e tantos contos de Reis”.

pag. 223 “extraviarão huma grande somma de contos de reis em moeda de Cobre que se achava recolhida na Casa do troco...”

(44) O POVO, N.º 80 de 3-VII-1839.

porção que iam recebendo o cobre em circulação, os coletores e comissionados iam pesando e apartando a moeda falsa da legal, de que faziam as respectivas anotações e numeração, para conhecimento de quem pertenciam. Era considerada falsa a moeda que não tivesse o competente pês, a saber: 80 réis, sete oitavas; 40 réis, três oitavas e meia; 20 réis, uma oitava e três quartos, e assim também as antigas moedas de dez e cinco réis."

A moeda falsa era cortada na presença do proprietário, e a êle devolvida na ocasião de resgate do recibo do cobre entregue. Quer me parecer que a restituição do cobre falso é feita sem dedução de especie alguma, enquanto no Imperio do Brasil, de conformidade com o Decreto de 4-11-1835, que regulamentava a execução da Lei N.º 54 de 6-10-1835 do SEGUNDO TROCO DO COBRE, se descontava 5 % também do cobre falso, um verdadeiro abuso, pois o portador além de perder o dinheiro ainda tinha de pagar uma autêntica multa de 5 %.

De conformidade com o art. 2.º do decreto deveria o portador entregar a sua moeda entre 15 e 30 de Setembro de 1838, e nas coletorias mais afastadas entre 1 e 30 do mesmo mês, sendo-lhe fornecido um recibo da quantia entregue.

Depois de 28 de Setembro de 1838, então, apresentava o portador o seu recibo provisório, sendo-lhe restituído o valor anteriormente entregue da forma seguinte:

25 % — Toda a moeda de cobre entregue era devolvida, depois de separado o cobre falso, pela quarta parte do valor nominal, ou seja 20 reis valendo 5, 40 reis valendo 10, e 80 reis valendo 20 reis, apenas.

25 % — Do total eram deduzidos para o erário publico, de conformidade com o artigo 19.º do decreto, e os restantes

50 % — eram restituídos em Bilhetes do Tesouro, que a lei de 8-7-1838 em seu artigo 7.º denominava de CONHECIMENTOS.

Estes conhecimentos eram notas fiduciárias, de diversos valores, devendo ser emitidos segundo o art. 19.º:

500 de 10\$, 300 de 20\$, 200 de 30\$, 150 de 40\$, 100 de 50\$ e 50 de 100\$. A sua impressão era feita com tinta preta em papel de arroz, cujo tamanho era aproximadamente de 125 mm de altura por 158 mm de largura.



A julgar pela cédula que foi por mim examinada, da qual reproduzo um desenho tosco, feito às pressas, com a gentil permissão do Dr. Edgar de Araujo Roméro, Chefe da Secção Numismática do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro, eram também estes conhecimentos encadernados em livros, á maneira das guias de barras de ouro e dos bilhetes de permuta de diamantes, etc., pois os conhecimentos possuem também a tarja ornamentada sobre a qual costumava assinar o Presidente do Tribunal, pela qual costumava ser a parte á ser entregue ao portador, neste caso o conhecimento, destacada (cortada).

Creio que este conhecimento da coleção do MUSEU HISTÓRICO NACIONAL é o único de que temos noticia. E' verdade que Jul. Meili em seu III Volume "A Moeda Fiduciária", Estampa 16 N.º 100 nos dá noticia de uma cédula de 100\$000, mas na verdade trata-se de uma simples "noticia" baseada no jornal O POVO, ao qual já me referi.

A nota reproduzida traz no verso as seguintes 16 assinaturas:

JOSE' ALVES DE MORAES  
JOSE' MARIO DA SILVA  
BERNARDO PIREZ  
ANTONIO JOSE' DE ABREU  
MANOEL GONÇALVES DA SILVA  
ANTONIO ENNES BARROSO  
MANOEL VAZ DA SILVA  
HILDEBRANDO DE FREITAS BARROSO  
FIRMINO M. DO NASCIMENTO  
MANOEL DA SILVA BUENO  
FELICIANO FRANCISCO NUNES  
THOME' JOSE' DE ARAUJO  
FRANCISCO JOZE' PACHECO  
FRANCISCO ROIZ BARCELLOS  
JOAQUIM DA COSTA ABREU  
AMANCIO GONÇALVES VIANNA

5 das quais, provavelmente as cinco primeiras, devem ter sido de pessoas residentes na vila de Piratiny, enquanto as outras seriam de membros das comissões de troco na localidade onde a nota foi entregue.

"O resultado geral da operação do troco do cobre superou, porém, de muito á previsão legal, pois ascendeu a 67:880\$358, assim recolhidos: (52)

(52) O POVO — N.º 66 de 22-V-1939.



|                                                |             |
|------------------------------------------------|-------------|
| Piratini . . . . .                             | 10:777\$120 |
| Rio-Pardo . . . . .                            | 13:450\$580 |
| Setembrina (Viamão) . . . . .                  | 9:088\$990  |
| São-Leopoldo . . . . .                         | 11:134\$800 |
| Mostardas . . . . .                            | 957\$180    |
| São-Borja . . . . .                            | 3:521\$980  |
| Triunfo . . . . .                              | 5:239\$900  |
| Cachoeira . . . . .                            | 2:893\$300  |
| Caçapava . . . . .                             | 1:312\$360  |
| Dôres, Barra-do-Ribeiro e P.-Branças . . . . . | 222\$820    |
| São-João-do-Boqueirão . . . . .                | 1:634\$040  |
| Cangussú . . . . .                             | 1:599\$998  |
| Cêrro-da-Boena . . . . .                       | 761\$540    |
| Alegrete . . . . .                             | 3:718\$800  |
| Bagé . . . . .                                 | 799\$860    |
| Herval e Jaguarão . . . . .                    | 767\$530    |

Em vista dêsse excedente não previsto, o governo se viu na contingência de emitir maior quantia em CONHECIMENTOS, no total aproximado de 43:000\$000, segundo se infere de uma publicação inserta no n.º d'O POVO, de 31 de outubro de 1838."

O decreto não esclarece se os cobres devolvidos aos seus portadores eram CARIMBADOS ou NÃO; entretanto, creio que não pode haver dúvida a este respeito, pois, de outra forma, não teria sido possível distinguir o cobre de valor já reduzido do que ia sendo introduzido posteriormente, ou daquele que, por circunstancias anormais, não fôra "trocado" de conformidade com a LEI DO COBRE.

Outrosim devemos considerar que o decreto de 8 de Julho de 1838 em seus traços geraes nada mais é do que uma cópia fiel da Lei do Segundo Troco do Cobre, do Império do Brasil - N.º 54 de 3 de Outubro de 1835 -, com a diferença que este reduzia o valor do cobre á metade apenas, enquanto que na República Rio-Grandense o valor da moeda de cobre era reduzido á quarta parte, com a intenção flagrante de tornar desinteressante a introdução das moedas brasileiras, e mesmo dos cobres falsos americanos, que estavam sendo introduzidos em enormes quantidades.

Imitava, pois, a jovem República o que já em 1834 havia sido executado na Província do MARANHÃO, sem que lá tivesse sido alcançado o resultado desejado, insucesso este primordialmente derivado da carimbagem das moedas no CEARÁ pelo duplo do valor daquela. Quanto ao peso mínimo admi-

tido para as moedas, copiava-se o que já em 6-10-1833 havia sido ordenado por Lei N.º 52, pois em seu art. 5.º confirma a LEI DO COBRE integralmente os pesos estabelecidos, ou seja de 10 reis a oitava, com a tolerância de 1/8 no peso para mais ou para menos. (Art. 7.º da Lei de 3-10-1833).

E' evidente a carimbagem, pois, se tal não houvesse sido feito, teria acontecido justamente o contrário daquilo, que a Lei pretendia evitar; teria sido evitada a introdução de moedas do Brasil, mas pelo outro lado não teria sido possível evitar a emigração das moedas. Quer dizer que, além da prata e do ouro, até a moeda de cobre teria deixado a República, uma vez que uma moeda de 80 reis, reduzida á quarta parte e portanto valendo apenas 20 reis na República, estaria valendo no Império 80 reis, e mesmo depois de 11-10-1838, data em que foi posta em vigor a Lei N.º 109 que abolia a aplicação do CARIMBO GERAL, reduzindo á metade o valor de todas as moedas em circulação, ainda estaria valendo 40 reis.

Seria isto contrário a qualquer raciocínio, a esta análise significaria duvidar da inteligência de Domingos José de Almeida, conhecido, como já observei antes, como um verdadeiro mestre em matéria de finanças.

Daremos novamente a palavra a Florencio de Abreu.

"Se não cunhou moeda, apropriou-se o Tesouro contudo, de moedas alheias, punçando-as com o distintivo rio-grandense. As moedas de prata foram punçadas afim de vinculá-las á circulação interna, de nacionaliza-las, evitando-se, dest'arte, a sua evasão para o exterior. Foram moedas de emergência. E as de cobre carimbaram-se na ocasião de serem restituídas aos seus proprietários com o valor legal, isto é, com a quarta parte do valor do cunho, na forma do Art. 7.º da "Lei do Cobre", para distingui-las das consideradas falsas e de circulação clandestina".

Encontramos o carimbo PIRATINY em moedas de toda espécie, em cobre, prata e até em ouro, e é neste metal a única peça conhecida, que reproduzo, pertencente á coleção do Dr. Alfredo Solano de Barros.

"Não nutro a menor duvida de que se trata de punção OFICIAL, porquanto em sessão de 18 de dezembro de 1836 da Assembléa requerera Domingos de Almeida se recommendasse ao govêrno da Provincia que, visto já possuir os modelos para o cobre punçado, quanto antes procedesse ao carimbo da moeda. (<sup>58</sup>)

Encontrei, até a data presente, 9 diferentes tipos de carimbos, que publico no fim deste trabalho, e para facilitar a sua melhor apreciação, darei, a

(<sup>58</sup>) O POVO — N.º 130 de 25-XII-1839.



seguir, uma breve descrição dos principais característicos dos mesmos, indicando, simultaneamente, as coleções em que as peças reproduzidas se encontram:

|      |                        |                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                          |
|------|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| XIAA | Tipos<br>anepígrafes.  | Com as armas da<br>República: Duas<br>mãos segurando<br>uma espada com<br>a lamina para cima,<br>e na ponta<br>um barrete frígio<br>resplandecente,<br>variando a<br>quantidade de<br>raios. | - Espada curta e réta. Barrete frígio com bico penso. Col. Museu Histórico Nacional, Rio.                                                |
| XIAB |                        |                                                                                                                                                                                              | - Espada curva. Barrete frígio cheio. Cerca de 70 raios. - Col. William Y. Dawson, Rio.                                                  |
| XIAC |                        |                                                                                                                                                                                              | - Espada curva. O punho da espada é um ponto grosso e solto. Cerca 49 raios. - Col. Museu Histórico Nacional, Rio.                       |
| XIAD |                        |                                                                                                                                                                                              | - Espada comprida e réta. Punho réto. Cerca 51 raios. - Col. do autor.                                                                   |
| XIAE |                        |                                                                                                                                                                                              | - Espada réta. Barrete penso para a esquerda, enquanto todos os demais pendem para a direita. - Col. Julius Meili, 1890 - Pl. IX N.º 70. |
| XIAF | 20. 7BRE<br>1835       |                                                                                                                                                                                              | - EM OURO! - Col. Dr. Alfredo Solano de Barros, Rio.                                                                                     |
| XIAG | .1835.<br>+ PIRATINI + | Barrete frígio<br>resplandecente                                                                                                                                                             | - 30 raios. Cruzeta antes de PIRATINI com hastes embotadas. - Col. do autor.                                                             |
| XIAH |                        |                                                                                                                                                                                              | - 32 raios. - Col. Dr. Alfredo Solano de Barros, Rio.                                                                                    |
| XIAJ |                        |                                                                                                                                                                                              | - 30 raios. Cruzeta antes de PIRATINI formada por pontos. - Col. do autor.                                                               |

Os tipos anepígrafes, indubitavelmente, são legítimos, bastando dizer que, já em 1878, num catalogo impresso em Berlim por Adolph Weyl "A coleção de moedas transoceanicas de Jules Fonrobert", são reproduzidas 2 peças com tais carimbos (pag. 979/80 - N.º 8870 e 8871). Presumivelmente tratava-se de peças com carimbo XIAB.

Quanto aos carimbos XIAG, H e J não duvido que tenham sido falsificados simultaneamente, e aparentemente pelo mesmo gravador, que há anos morreu tuberculoso em S. Paulo, de cuja autoria tambem dizem ser a peça da "coroação falsa", classificada como tal pela primeira vez pelo Dr. Alfredo Solano de Barros, em Novembro de 1929 (tratava-se de uma peça apresentada pelo Dr. Alvaro de Salles Oliveira). (\*)

(\*) E de lamentar, que alguns dos nossos colegas, que possuem a documentação completa da devassa policial, e cuja publicação seria da maior utilidade para orientar colecionadores novatos e incautos, se deixem dominar por falsos sentimentos de moral, guardando estas preciosidades no fundo de alguma gaveta, para não prejudicar o bom nome de um "pardal".



Basêio a minha afirmação no fato de possuir em minha modesta coleção uma peça de 80 reis de 1832R com carimbo XIAF cobrindo um GERAL 40 (fato muito frequente nesse carimbo — XIAF —), e sobre o mesmo um segundo carimbo de Piratiny, o tipo XIAG. Além disto encontramos os carimbos com legenda PIRATINI com relativa frequência e geralmente em ótimo estado de conservação, o que já não acontece com os tipos anepígrafes.

O carimbo XIAF é de aspeto parecido ao de uma GUAYACA igualmente reproduzida em 1878 por Weyl, e que, para efeito comparativo, também publico. (\*\*)

A respeito destas guayacas, aliás bastante raras e caras em qualquer um dos metais em que são encontradas:

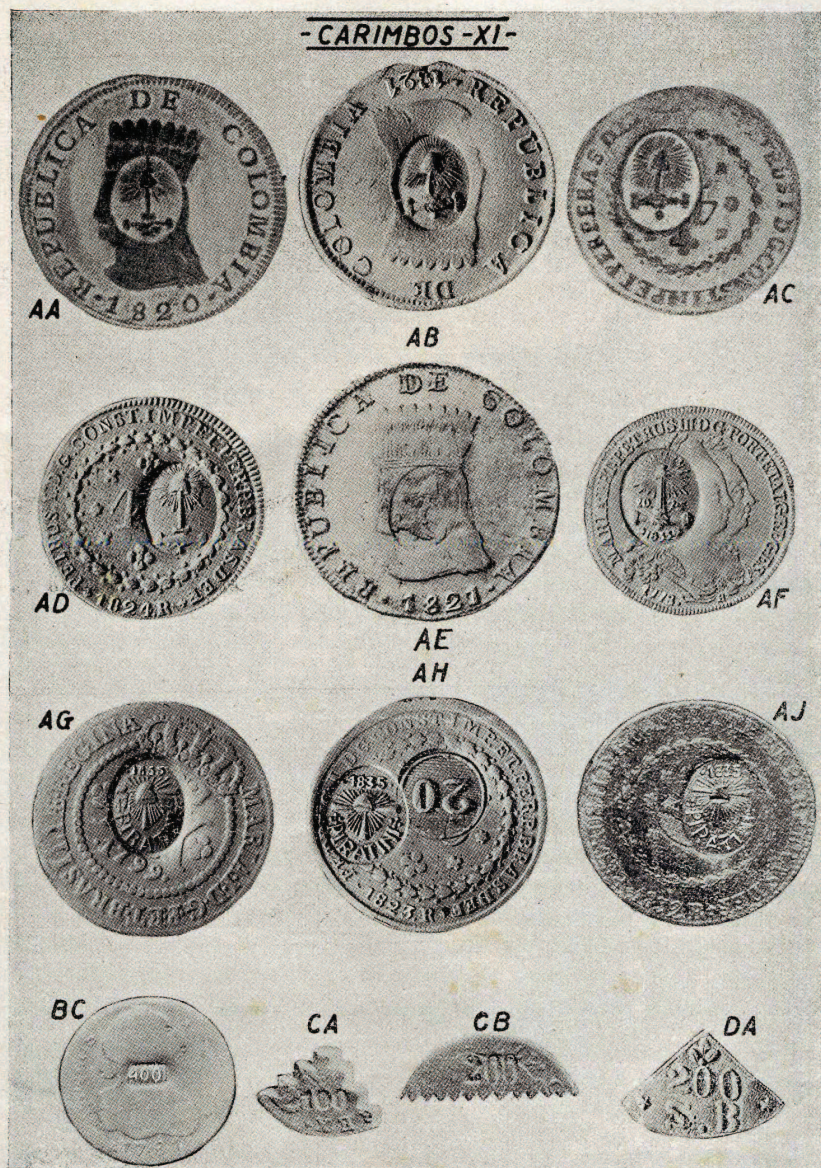
|                 |          |   |                                |          |
|-----------------|----------|---|--------------------------------|----------|
| Cobre . . . . . | 300\$000 | } | Latão . . . . .                | 150\$000 |
| Prata . . . . . | 500\$000 |   | Latão prateado . .             | 200\$000 |
|                 |          |   | (quando o prateado é original) |          |

Florencio de Abreu diz o seguinte:

"A princípio se supunha, erroneamente, que certos discos de latão (ou cobre), em forma de moeda e contendo o distintivo da República de Piratini fôsses moedas. O aludido distintivo (aliás encontrável em moedas correntes naquela época no Rio Grande) compõe-se de uma espada empunhada por duas mãos entrelaçadas e encimada por um barrete frigio radiante; ao lado esquerdo da lâmina da espada vê-se o número — 20, ao lado direito a grafia híbrida do mês — 7 bre, e em baixo o ano — 1835. Não contém êsses discos numismaes a indicação de qualquer valor monetário; mas, em virtude da data que apresentam — 20 de setembro de 1835, Varela, em figura à pág. 476 do vol. V da sua HISTÓRIA DA GRANDE REVOLUÇÃO, atribue-lhes o caráter de "medalha comemorativa", quando em verdade não o são. Nenhum documento ou notícia da época o confirma; e por outro lado encontram-se em quantidade outros discos numulares, da mesma época, feitos também de latão, ou cobre, com as dimensões e distintivos das moedas (sem indicação de valor) de outros países sul-americanos, inclusive o Uruguai. Referindo-se a essas supostas moedas, ou medalhas, escreve a Viscondessa de Cavalcanti: "O erro da inscrição, que denota um artista estrangeiro, a data em espanhol (7bre - SETIEMBRE) e a semelhança do cunho desta medalha com os das moedas argentinas (8 reales 1835) e uruguaias do tempo, indicam haver sido

(\*\*) Guayacas são bolsas de couro, muito usadas pelos viajantes nas províncias do sul (quichua = HUAYACA), nome este que se vulgarizou também para as moedas e medalhas com que estas bolsas eram enfeitadas.







ela cunhada na República Argentina ou no Uruguai".<sup>(56)</sup> Pensamos também aqui haver engano da ilustre numismata. Não consta que naquele tempo estivessem essas Repúblicas convenientemente aparelhadas com oficinas próprias para a cunhagem de moedas."

Aliás um ligeiro confronto com o Peso do SITIO DE MONTEVIDEO de 1844, a melhor peça cunhada na época no Uruguai, e do proprio Peso de 8 Reales de LA RIOJA de 1835, desautoriza a afirmação supra referida, sendo pelo outro lado o acabamento das guayacas muito mais parecido com os cobs de 1857 do Uruguai, cunhados na França, na Casa da Moeda de Lyon.

"Quasi todos os discos numismais (guayacas) eram procedentes da fábrica de Paris" (convinha talvez dizer franceza), consoante a indicação que em muitos d'êles se encontra. A data mais provavelmente foi gravada em francês — SEPTEMBRE (7bre) e trata-se, sem dúvida, de algum ENSAIO de moedas, isto é, de amostras remetidas a título de RECLAME por alguma grande fábrica de Paris, à apreciação do govêrno da incipiente República."<sup>(57)</sup>

As guayacas de procedência de PARIS, às quais o autor se refere, trazem sempre no campo do reverso a inscrição — PARIS - T, ou PARIS - T. W & W, merecendo especial menção ainda o fato de ter sido escrita a palavra RIO-GRANDENSSE na guayaca em questão com dois SS, enquanto a maneira oficial de escrevê-la parece ter sido RIO-GRANDENCE, com um C, conforme foi escrita no conhecimento reproduzido.

Consta-me que foi descoberto um documento, ultimamente, pelo qual poudeser constatado que estas peças ficaram retidas na Alfandega de Porto Alegre durante todo o tempo da revolução, uma vez que aquela cidade caiu novamente em poder dos imperialistas em 15 de Julho de 1836, e que de lá sómente saíram depois de terminada a guerra em 1845.

A meu vêr, foi o carimbo XIAF aberto na França, tendo servido de amostra, talvez um dos ferros anepígrafes provavelmente abertos pelo gravador JUAN SIERDEY, de origem franceza, e que por volta de 1840 era chefe de abrição de cunhos da Casa de Moeda de LA RIOJA na Argentina. Mais tarde então, deve ter sido feita a guayaca á título de reclame pelo mesmo fabricante, para a cunhagem de moedas si o movimento vingasse.

<sup>(56)</sup> CATÁLOGO DAS MEDALHAS BRASILEIRAS E DAS ESTRANGEIRAS REFERENTES AO BRASIL, págs. 48 e 49.

<sup>(57)</sup> Tôdas essas espécies de medalhas encontram-se munidas de um pé, numa das faces, ou de um olhal, num dos bordos, com os quais eram presas aos cinturões ou guaiacas como ornato.



A opinião de ser o carimbo XIAF de aplicação posterior á dos carimbos anepígrafes é baseada no fato de encontrarmos aquele frequentemente COBRINDO O CARIMBO GERAL por completo, particularidade esta que nunca observei até a data de hoje em peças com os carimbos XIAA até AE.

Classificamos ainda, como sendo da mesma época, as balastracas, que vieram reproduzidas pela primeira vez, ao que me consta, na obra de Ju<sup>l</sup>. MEILL de 1905, seguindo-lhe SOUZA LOBO com a coleção JOAQUIM GOMES DE SOUZA BRAGA em 1906, e, mais tarde, com a sua própria coleção em 1908.

Tais moedas fracionárias aparentemente não foram mandadas fazer oficialmente pelo governo da REPUBLICA RIO-GRANDENSE, sendo de origem puramente regional, onde a população devido á falta de moedas de pequeno valor "para as transações miúdas" resolveu a dificuldade, fracionando as moedas de 2 reales de prata das republicas vizinhas, pondo estas frações em circulação.

Vejamos Florencio de Abreu.

"Já em notícia inserta no n.º 17 do jornal O POVO, de 27 de Outubro de 1838, dizia-se "constar" que o govêrno tratava de emitir certa porção de CONHECIMENTOS de 500, 1.000, 2.000 e 5.000 réis, atenta a falta que se fazia sentir dos de pequeno valor para as transações miúdas. Não foram emitidos. Um ano mais tarde, isto é, em sessão de 23 de dezembro de 1839 do conselho dos Procuradores Gerais, Almeida propunha se cunhassem moedas de prata do valor de 100 réis, tendo o conselho resolvido se submetesse a matéria á deliberação da Constituinte, logo que esta se reunisse. <sup>(59)</sup> A Assembléa Constituinte e Legislativa não chegou a deliberar sôbre a cunhagem da moeda divisionária. Entretanto, em sessão de 9 de janeiro de 1843, Almeida requereu informasse o govêrno quais os motivos por que consentia se alterasse o sistema monetário da República no município de Alegrete, Cruz Alta e São-Borja; a discussão do requerimento foi adiada, mas, em sessão de 13 do mesmo mês, sendo novamente discutido, foi rejeitado, <sup>(60)</sup> tal a necessidade que o povo sentia da moeda divisionária para as transações quotidianas."

Conhecemos duas classes diferentes de balastracas, sendo umas com o carimbo INCUSO, com os bordos do córte em forma de serra (denteado), emquanto o outro tipo é similar ao da peça de 2 Reales com carimbo 400

<sup>(59)</sup> O POVO, n.º 110 de 25-XII-1839.

<sup>(60)</sup> O AMERICANO, ns. de 1.º e 8 de fevereiro de 1843.

que reproduzo. Estas ultimas citadas são as mais raras, principalmente os valores de 100 e 200 reis, existindo, além disto, ainda a balastraca S.B.200, classificada habitualmente como sendo de São-Borja.

A seguir darei ainda uma tabela dos tipos conhecidos em varias coleções:

XIBA — 100 em moldura retangular — em 1/4 de DOIS REALES, ou em metade de UM REAL

XIBB — 200 em moldura retangular — em metade de DOIS REALES, ou em UM REAL.

XIBC — 400 em moldura retangular — em metade de DOIS REALES, XICA — 100 INCUSO em 1/4 de DOIS REALES.

XICB — 200 INCUSO em metade de DOIS REALES, existindo 2 ferros diferentes, ilustrados por Jul. Meili, Plancha XLV N.º 2 e 3

XIDA — 200 S.B. em 1/4 de QUATRO REALES.

A balastraca “S invertido” (Meili 1905, Plancha XLV N.º 9) geralmente classificada como sendo do Brasil, creio pertencer á coleção paraguaia, dada a semelhança absoluta que tem com os “cortados” do tempo da “Guerra do Paraguai”, descritos em interessante artigo do Snr. J. L. de Araujo, na Revista Numismática N.º 4, Ano II.

Eis aí tudo o que consegui averiguar com respeito aos carimbos PI-RATINI.

### Carimbos de Piratini

Em aditamento ao trabalho sobre Carimbos de Piratini publicamos hoje a fotografia de mais um tipo de carimbo que acabamos de adquirir recentemente



Trata-se de um carimbo “falso”, porem, apesar disto muito raro, pois até agora somente tivemos notícia de 3 exemplares.

KURT PROBER



# *Os tipos monetários de Zeus emitidos no mundo grego durante a época clássica (séculos V e IV a.C.)\**

Lilian de Angelo Laky

## O PELOPONESO

Apesar de alguns estudiosos situarem o início das emissões monetárias do Peloponeso no final do século VI a.C. a partir da cunhagem de Egina - cujos exemplares já circulavam pela região neste período – foi ao longo do século V a. C. que as cidades da região começaram a bater suas próprias moedas.

De acordo com C.M. Kraay (1976: 95), a cunhagem do Peloponeso foi caracterizada por ocorrência desigual na região. No lado nordeste encontramos cunhagens importantes em Sicione, Phlios, Argos e Corinto, que eram póleis adjacentes aos centros comerciais da ilha de Egina, da Ática e do Istmo de Corinto. No lado oeste havia a cunhagem de Élis e as cunhagens das ilhas de Kefalênia e Zakyntho, no mar Jônico. O sul do Peloponeso, que sofria influência de Esparta, foi quase totalmente destituído de cunhagens.

Todavia, as emissões mais importantes do Peloponeso foram aquelas da Liga Arcádia e de Élis, que se tornaram notórias durante a Antiguidade, pela quantidade e pela regularidade de suas emissões. Além dessas três características levantadas pelos autores estudados, ambas as localidades emitiram tipos monetários de Zeus.

C.M. Kraay (1976: 96) menciona que a cunhagem na área da Arcádia parece ter se iniciado em c. 500 a.C., com a emissão de hemidracmas e óbolos (cuja imagem do anverso era a deusa Hera) da polis de Heraia. (NIELSEN, 2005: 514)

As cunhagens mais antigas do Peloponeso, que foram as primeiras emissões de algumas póleis da Arcádia como a de Heraia e também a de Mantinéia, mais tarde foram suplantadas pela emissão da liga criada entre as cidades da região.

\* Assim como o texto anterior *As moedas de Olímpia emitidas na época clássica* (Botetim, no.63), este texto faz parte da minha pesquisa de iniciação desenvolvida entre 2003 e 2007 no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE), cujo título é *As moedas de Olímpia e a consolidação da imagética de Zeus na Grécia Clássica*, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano. As conclusões deste estudo foram publicadas na *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, no. 18, p. 211-237, 2008.



Desde o século XIX os estudiosos tentam elucidar as origens e as razões das emissões da Liga Arcádia. O estudo mais completo sobre o assunto, *The Confederate Coinage of the Arcadians in the Fifth Century B.C.* (1965), foi escrito pelo numismata Roderick T. Williams, o qual levantou as teses de vários estudiosos no prefácio de seu estudo.

Para o arqueólogo alemão E. Curtius a cunhagem da Liga Arcádia possui uma característica religiosa e agonística, o que a associava ao santuário de Zeus localizado no Monte Liceu na região, onde teriam sido realizadas competições atléticas em honra desta divindade. F. Imhoof-Blumer defendeu a tese de que Heraia teria passado a emitir moedas para a liga após ter parado de bater moedas em seu próprio nome.

Percy Gardner ressaltou a ligação da cunhagem da Liga Arcádia com a cunhagem de Élis-Olímpia, comparando as inscrições presentes em ambas as moedas. Gisela Richter acrescentou que a cunhagem possuía origens políticas e religiosas e W.P. Wallace relacionou o início das séries monetárias arcádias com as intrigas de Cleomenes, rei da região ativo em c. 490 a.C. (WILLIAMS, 1965: vii-viii)

Além dos estudiosos ainda não terem chegado a um consenso sobre as emissões monetárias da Liga Arcádia, existem vários problemas que foram surgindo a medida que aprofundávamos a análise dessa documentação, como o local da emissão, a característica da cunhagem (religiosa e / ou política), a data do início das séries e a identidade das divindades assim como a interpretação da inscrição ARKADIKON.

De todo modo, podemos situar o início e término da cunhagem da Liga Arcádia os anos de 490 a 418 a.C. respectivamente. Independente de qual cidade fosse responsável pela emissão, a imagem escolhida para o anverso das moedas era Zeus sentado no trono segurando um cetro e uma águia. A posição de Zeus no campo da imagem (à direita ou à esquerda) e a mão em que segurava a águia e o cetro eram alteradas a cada emissão ou o raio era acrescentado, como mostrou o estudo minucioso de Williams acerca das séries monetárias. Destacamos, entretanto, a ocorrência da representação da cabeça de Zeus no anverso de uma série de óbolos cunhados entre 428 e 418 a.C. A cabeça da deusa Ártemis permaneceu, também, como a divindade representada no reverso das moedas por todo o período da emissão. (KRAAY, 1976: 97)

Ao estudar as séries monetárias da Liga Arcádia emitidas no século V a.C., R. T. Williams estabeleceu cinco períodos para as cunhagens: o *Período I* (490-477 a. C.), cujas moedas foram batidas pela polis de Cleitor; o *Período II* (477-468 a. C.) e *Período III* (468-460), em que as moedas foram batidas por Cleitor, Tegéia e Mantinéia; *Período IV* (462/0-428 a.C.) e *Período V* (428-418 a.C.), quando as moedas foram emitidas apenas por Mantinéia.

A análise das emissões da Liga Arcádia é extensa e requer um estudo a parte para sua melhor compreensão. Para o nosso estudo tentamos entender as informações fornecidas pela bibliografia, que se revelaram muito distintas e confusas, sobretudo acerca dos locais responsáveis por tais emissões e da cronologia também. Assim, à medida que superamos essas dificuldades pudemos destacar alguns tipos monetários de Zeus cunhados pela liga em apenas alguns dos períodos definidos por Williams. Como critério, escolhemos representações de Zeus que se destacavam por alterações no desenho (presença do raio, diferença no tipo de trono, etc.) e, também, pela presença única na repetição das imagens, como é o caso da única cabeça de Zeus cunhada no anverso de uma moeda da Liga Arcádia.

Assim, o primeiro tipo monetário de Zeus escolhido foi cunhado pela polis de Cleitor para a Liga Arcádia entre 490 e 477 a.C. e corresponde ao Período I, Seção 1, definidos por Williams. No anverso desta moeda (**fig.1**), Zeus aparece representado sentado no trono à esquerda com um himátion sobre sua cintura, segurando um cetro com sua mão esquerda e segurando com sua mão direita uma águia. No reverso, está representada a cabeça de Ártemis à esquerda. Esta peça foi cunhada entre o início e o fim das guerras contra os persas (490-478 a.C.) e, conforme Williams (1965: 3), as moedas dessa série teriam sido emitidas à época da formação da liga contra um inimigo comum dos arcádios: Esparta.



O segundo tipo monetário selecionado da Liga Arcádia traz uma alteração na imagem de Zeus. No anverso da moeda (**fig.2**), Zeus está sentado no trono à direita com um himátion sobre sua cintura, segurando um cetro com sua mão esquerda, mas segurando um raio alado com sua mão direita. O reverso da moeda mostra a cabeça de Ártemis à direita. Esta peça pertence ao Período II, Seção 2, portanto, cunhada pela polis de Mantinéia entre 477 e 468 a.C. no contexto de várias batalhas envolvendo cidades arcádias contra a hegemonia espartana no Peloponeso.



2

O último exemplar selecionado para o nosso estudo foi cunhado por Mantinéia entre 428 e 418 a.C. e pertence ao Período V. Esta peça foi escolhida, pois no anverso (**fig.3**) encontramos a cabeça de Zeus à esquerda com barba e cabelos curtos. E no reverso está representada a cabeça de Hermes à direita. As cabeças de Zeus pertencentes ao Período V foram batidas entre o início e o fim da Guerra do Peloponeso (431-416 a.C.) e esta emissão - que foi a última cunhada pela Liga Arcádia - foi realizada durante as batalhas que colocaram um fim no controle espartano em muitas localidades do Peloponeso. (WILLIAMS, 1965: 32)



3

Para Colin M. Kraay (1976: 98), o uso de uma denominação única, o trióbolo, sugere que a cunhagem da Liga Arcádia não foi designada para a finalidade do comércio, mas para numerosos pagamentos variados, o que não é difícil de pensar tendo em vista o



cenário de tantas batalhas no Peloponeso; as emissões monetárias da Liga Arcádia atravessaram as maiores guerras da história da Grécia antiga: as Guerras Médicas e a Guerra do Peloponeso.

Nesse sentido, podemos considerar que as emissões da Liga Arcádia tinham um significado político, mas também religioso. A escolha de Zeus para representar todos os arcádios muito provavelmente remete ao culto mais importante da região, o culto a Zeus *Lykaïos* do monte Liceu.

O término das emissões monetárias da Liga Arcádia ocorreu em c. 418 a.C. com a vitória de Esparta e seus aliados da Arcádia sobre os atenienses e seus aliados na batalha de Mantinéia. Neste processo, as cunhagens federais foram sucedidas no final do século V a.C. por emissões individuais das cidades arcádias. (KRAAY, 1976: 98)

A cunhagem do Peloponeso no século IV a.C. deve ser estudada à luz dos grandes eventos políticos do período. Dentre esses eventos a invasão do Peloponeso por Epaminondas impulsionou a emissão de moedas na Arcádia e na Messênia. Segundo disse Percy Gardner (BMC: LIX), o primeiro resultado da derrota dos espartanos na Batalha de Leuctra em 370 a.C. foi a reconstrução de Mantinéia por seus habitantes e o segundo foi a formação de uma liga entre as cidades arcádias de Tegéia, Mantinéia e Cleitor para fundar uma nova cidade, Megalópolis, que serviu como refúgio da população local contra a ameaça dos espartanos e para guardar a passagem da Lacônia. (Nielsen, 2006: 521) A fundação de Megalópolis foi seguida pela emissão de uma cunhagem federal arcádia (c. 364 a.C.), em cujo anverso está representada a cabeça de Zeus à esquerda com coroa de folhas de oliveira, cabelos longos e barba (**fig.4**). No reverso está representado Pã sentado à esquerda sobre uma rocha.



4

Na área da Messênia, em c. 369 a.C., Epaminondas estabeleceu um estado messênio e iniciou a construção da capital federal, Messênia, nas encostas do Monte Ithome. Após a fundação da polis,

iniciou-se a emissão de estateres de prata, em cujo anverso está representada a cabeça de Deméter à esquerda. O reverso dessas moedas mostra a imagem de Zeus nu em pé à direita, atirando um raio com a mão direita e sobre a mão esquerda a águia (**fig.5**). De acordo com vários estudiosos, trata-se da representação da escultura de Zeus Ithomates, obra de Ageladas de Argos, escultor ativo na região durante a segunda metade do século V a.C. O culto a Zeus **Ithomates** é relatado por Pausânias (4.33.2), o qual menciona a existência da estátua. (GARDNER, BMC: XLIII; KRAAY, 1976: 102; SHIPLEY, 2005: 564)



5

Na Acaia existiu uma emissão federal notável consistindo em um único estater e uns poucos dracmae associados. No anverso deste estater está a cabeça de Ártemis à esquerda. Já o reverso mostra a imagem de Zeus sentado no trono à esquerda com um cetro na mão direita e sobre a mão esquerda a águia e um elmo (**fig.6**). Kraay (1976: 101) diz que a ocasião da emissão é incerta, mas a breve aliança entre a Arcádia e a Beócia, realizada por Epaminondas é uma possibilidade, pois o estater é parecido com os didracmae arcádios e messênios para o qual o ano de 364 a.C. é a data mais provável.



6

## A SICÍLIA

As emissões monetárias da Sicília datam do terceiro quartel do século VI a.C. caracterizando-a como uma das primeiras regiões do mundo grego a cunhar moedas. Para tal inferência os estudiosos

basearam-se na combinação de critérios estilísticos e no contexto cronológico geral do Mediterrâneo ocidental.

Para a nossa pesquisa interessa-nos, sobretudo, os tipos monetários cunhados no século V e IV a.C. justamente o período em que encontramos as representações de Zeus nas moedas da ilha.

Conforme nos diz C.M. Kraay (1976: 204), a cunhagem na Sicília ao longo do século V a.C. alcançou um grau de sofisticação e elaboração provavelmente nunca visto em outros locais do mundo grego. E é neste contexto, portanto, que ocorrem as primeiras imagens monetárias de Zeus emitidas nas moedas de Zancle, Aetna e Galária, datadas ao redor de 460 a.C. na época do auge da tirania siciliota.

Zancle, fundada por colonizadores da Calcídia e da Eubéia no século VIII a.C., foi uma das primeiras póleis da Sicília a emitir moedas, datando sua primeira emissão de c. 525 a.C. As imagens monetárias escolhidas - e que se consolidaram como símbolos de Zancle - foram o golfinho e a concha sendo continuamente representados em todas as emissões dessa polis. Em c. 460 a.C. Zancle emitiu uma série de tetradracmas com a representação de Zeus, no anverso, atirando um raio com a mão direita e vestindo um manto ao lado de um altar (**fig.7**). No reverso permaneceram representadas a figura do golfinho e a da concha. Essas moedas podem ter sido cunhadas à ocasião da queda da tirania, ao redor dessa data, e do restabelecimento da população em Zancle. C.M. Kraay (1976: 216), acrescenta que o estilo da moeda associado à legenda situa a peça ao período posterior da mudança do nome de Zancle para Messana, feito pelo tirano Anaxilas, pois a legenda traz a inscrição ΔΑΝΚΛΑΙΟΝ, “do (povo) de Zancle” comemorando a volta da população. Além disso, o estudioso sugere que a adoção da imagem de Zeus pode ser uma analogia à cunhagem de Aetna, cujo tipo monetário de Zeus foi cunhado no mesmo processo e alude ao retorno a casa; também pode indicar um culto a Eleutheria. (FISCHER-HANSEN; NIELSEN; AMPOLO: 2005: 236)





Em consequência desse processo, também, foi cunhado o tipo monetário de Zeus em Aetna, cujo exemplar é o único remanescente dessa emissão.

De acordo com os estudiosos, em c. 476 a.C. Hieron, tirano de Siracusa<sup>1</sup>, removeu os habitantes existentes em Catânia (uma polis próxima ao Monte Etna), assentando em seu lugar um número igual de colonizadores siracusanos. Ao mesmo tempo ele mudou o nome da cidade de Catânia para Aetna. Para esta nova fundação foram batidos tetradracmas e dracmas, que conhecemos a partir dos únicos exemplares que se preservaram. (KRAAY, 1976: 212; CALLATÄY; GITLER, 2004: 9-11; FISCHER-HANSEN; NIELSEN; AMPOLO: 2005:184-186)

A atribuição destas moedas a Aetna foi possível graças à legenda inscrita no anverso das moedas, que a relaciona à nova cidade. De acordo com F. Callatäy e H. Gitler (2004: 26), cinco tipos monetários de Aetna foram descobertos, dentre eles dois tetradracmas únicos e três denominações menores. A cronologia das peças é baseada em considerações estilísticas, sendo os tipos mais 'arcaicos' atribuídos à fase inicial de Aetna (475 / 70 a.C.), quando a polis foi estabelecida em Catânia. Os dois tetradracmas, cuja imagem do reverso é Zeus, foram atribuídos ao período seguinte à morte de Hieron (465 / 60 a.C.). Como dissemos, dessa emissão de tipos monetários de Zeus foi encontrado (até o momento) apenas um único exemplar chamado de "o tetradracma de Bruxelas" (**fig.8**), considerado pelos numismatas como uma das obras-primas da cunhagem siciliana. A figura de Zeus no trono à direita, representado no reverso da moeda, é acompanhada pelos símbolos que são atributos da divindade, como o raio e a águia, mas também por outros os quais devemos mencionar.



8

Tem sido sugerido que a imagem de Zeus representada é a de Zeus *Aetnaïos*, patrono do monte Etna, onde se localizava um culto a

<sup>1</sup>As pólis da Sicília nunca estiveram unidas por uma liga ou por uma federação, como ocorreu no Peloponeso. A unidade política existente consistia na hegemonia dos grandes tiranos de Siracusa. (FISCHER-HANSEN; NIELSEN; AMPOLO, 2005: 175)

Zeus. A associação entre Zeus e o vulcão – que entrou em erupção nos anos de 479 ou 475 a.C. pouco antes da fundação de Aetna – é atestado por várias fontes literárias antigas, entre elas uma ode (Ol. I), escrita por Píndaro, a Hieron de Aetna. A representação particular de Zeus no tetradracma de Aetna foi provavelmente inspirada na estátua da divindade erigida no local de culto no topo do monte.

Assim, o trono no qual Zeus está sentado é coberto por uma pele de pantera, os pontos e as curvas representadas na pele são típicas marcas da fera. A pantera era associada a Dioniso, portanto, estabelecendo uma ligação entre a imagem de Sileno no anverso da moeda, uma alusão às videiras locais assim como os ramos de videira remetem a Dioniso e às videiras nas cercanias do Etna.

Nesta moeda, a águia de Zeus aparece representada sentada no topo de uma árvore. A imagem precisa dessa árvore tem sido muito debatida, mas se chegou ao consenso de que se trata da *Abies nebrodensis*, uma espécie ameaçada típica da Sicília. Como hoje, na antiguidade as encostas do monte Etna eram cobertas por uma grande floresta mencionada em diversas fontes textuais. Esquemáticamente, portanto, a árvore associada ao culto local de Zeus, simbolizado pela águia, pode significar “Zeus está neste lugar”. (CALLATÄY; GITLER, 2004: 21-23)

O uso de símbolos relacionados às características específicas de uma polis (sua arquitetura, cultos religiosos, passado mitológico, ou a natureza de seus arredores) é comum às moedas antigas. Em uma época em que não havia a comunicação de massa, este era um caminho eficiente para a pólis se mostrar publicamente. (CALLATÄY; GITLER, 2004: 24)

Além desse tetradracma, cujas imagens eram a de Sileno e Zeus, foi conservado um segundo tipo monetário, onde Zeus também foi representado no reverso (**fig.9**). No anverso deste exemplar, aparece a quadriga de Nike e a moeda foi datada de c. 460-450 a.C. (KRAAY, 1976: 212)



Em Galária encontramos outra imagem de Zeus pertencente ao século V a.C. Segundo nos informa Fischer-Hansen, Nielsen e Ampolo (2005: 192), Galária foi fundada por um sículo chamado Morgos e bateu duas emissões de litrae de prata em c. 460 a.C. de características indígenas na iconografia. No anverso Zeus *Sóter* (Salvador) é representado sentado no trono à esquerda, segurando um cetro com a mão esquerda e sobre o cetro encontra-se a águia parada (**fig.10**). No reverso, Dioniso é mostrado em pé segurando um cântaro e um cacho de uvas. Quando Giacomo Manganaro (2003: 6) escreve seu artigo sobre o culto de Zeus *Sóter* na Sicília, diz que esta pequena moeda celebra indiretamente por meio da figura de Dioniso a cultura dos vinhedos no território de Galária. Mas celebra, sobretudo, o culto de Zeus *Sóter* que foi trazido da Messênia, no Peloponeso, área de origem dos estrangeiros, ex-mercenários dos Deinomênidas, que se assentaram na cidade.



10

Os próximos tipos monetários de Zeus emitidos na Sicília foram batidos durante o século IV a.C. pelas póleis de Siracusa, Agyrion, Érice e Agrigento. Ao contrário das emissões do século V a.C., que foram resultado do poder dos tiranos na região, as cunhagens do século IV a.C. correspondem ao fim da tirania, sendo emitidas no chamado período de Timoleonte.

No final do século V a.C., em c. 406 a.C., Dioniso I restabeleceu a tirania em Siracusa. Após sua morte em 367 a.C. vários tiranos estiveram no poder até a intervenção de Timoleonte em 345 a.C., que colocou um fim ao período e reintroduziu a democracia. (KRAAY, 1976: 227) A pedido de Siracusa, Timoleonte foi enviado por Corinto em troca do investimento entre o comércio do lado ocidental e oriental do mundo grego. Segundo nos informa C.M. Kraay (1976: 236), Corinto enviou 10 navios com 700 mercenários e um suprimento em dinheiro, provavelmente, as moedas com as imagens do famoso pégaso coríntio. Entretanto, o suprimento fornecido por Corinto parece não ter sido suficiente para pagar as tropas mercenárias, portanto, sendo



necessário a emissão de moedas locais. Neste processo, Timoleonte estabeleceu uma emissão de litrae em Siracusa, cujo anverso era a cabeça de Atena e o pégaso, uma referência a Corinto. Mais tarde, foram emitidas litrae com a cabeça de Zeus *Eleutherios* (Libertador) à direita no anverso (**fig.11**) e o pégaso continuava a ser a imagem do reverso. (FISCHER-HANSEN; NIELSEN; AMPOLO: 2005: 230)



11

A emissão local, datada de 345 a.C., instituída por Timoleonte em Siracusa, foi o dinheiro que movimentou o comércio de exportação da produção de agricultura da Sicília para o interior grego ao longo de 15 anos. (KRAAY, 1976: 237)

Como em Siracusa, Timoleonte foi responsável pela libertação de outras póleis siciliotas. Em Agyrion, depôs o tirano local chamado Apoloníades, assentou 10.000 novos colonos no território da polis, cujo feito é considerado por Diodoro (XVI, 83.3) a refundação regular da cidade. A prosperidade trazida por Timoleonte a Agyrion levou à construção de esplêndidos teatros, templos, um bouleterion, uma agora e um circuito de muros com torres e tumbas monumentais (Diodoro, XVI, 83.3).

Durante seu controle, também Timoleonte emitiu uma série de moedas em c. 345 a.C., em cujo anverso está representada a cabeça de Zeus *Eleutherios* à direita e, no reverso, a águia (**fig.12**) . (FISCHER-HANSEN; NIELSEN; AMPOLO: 2005: 183-184)



12

Em relação à pólis de Érice não encontramos nenhuma informação na bibliografia consultada. A moeda referenciada em nosso catálogo foi encontrada no BMC *Sicily*, o qual não disponibilizava a imagem da moeda, apenas sua descrição.

A moeda possui o desenho da cabeça de Zeus *Eleutherios* no anverso e a deusa Afrodite sentada no reverso. Por se tratar de um tipo monetário de Zeus *Eleutherios*, e cunhada em c. 345 a.C. acreditamos que possa ser uma moeda cunhada, também, à ocasião da libertação da tirania como nas outras pólis da Sicília. A representação da cabeça de Zeus *Eleutherios* e do cavalo alado neste período é comum às pólis sob a hegemonia de Timoleonte. (FISCHER-HANSEN; NIELSEN; AMPOLO: 2005: 230)

A única imagem monetária de Zeus cunhada na Sicília, durante o século IV a.C., a qual não encontramos nenhuma referência à sua emissão, pertence a pólis de Agrigento. A moeda data, aproximadamente, do mesmo ano das emissões de Zeus *Eleutherios* instituídas por Timoleonte. Mas não há nenhuma inscrição que referencie o tipo de Zeus no anverso ao culto de *Eleutherios*, como ocorre com as outras moedas. Por isso, escolhemos estudar este tipo monetário à parte dos tipos monetários de Zeus emitidos na segunda metade do século IV a.C. na Sicília.

Entretanto, é interessante notar que o culto a Zeus em Agrigento data ao menos do início do século V a.C., quando são iniciadas as construções do templo de Zeus Olímpico. Mas a imagem de Zeus só aparece em uma moeda dessa pólis no século seguinte. O exemplar em questão possui a cabeça laureada de Zeus à esquerda com cabelos longos e barba (**fig.13**). No reverso, está representado um atributo da divindade, a águia, junto a inscrição ΑΚΡΑΓΑΝΤΙΝΩΝ “do povo de Ákragas (Agrigento).



O início da cunhagem em Agrigento data de 520 / 10 a.C., final do século VI a.C. e as imagens monetárias mais antigas da pólis são o caranguejo e a águia. Por se tratar de um atributo de Zeus, podemos dizer que sua presença na moeda pode simbolizar o culto de Zeus no local.

## A MAGNA GRÉCIA

A cunhagem na Magna Grécia iniciou-se em c. 550 a.C. (século VI a.C.), quando as pólis de Metaponto e Síbaris começaram a emitir suas próprias moedas. Essas emissões estão entre as mais antigas do mundo grego e provavelmente seguiram o modelo das cunhagens de Egina, Corinto e Atenas.

De acordo com Kraay (1976: 161-162), as emissões na região possuem problemas cronológicos devido, em muitos casos, à ausência de um contexto histórico preciso, ocasionando uma cronologia numismática vaga e provisória. Segundo o estudioso, a cronologia é construída a partir de evidências na composição dos tesouros monetários em associação às situações históricas conhecidas.

O primeiro período importante das emissões na Magna Grécia foi estabelecido pelos estudiosos como a queda de Síbaris em c. 510 a.C., cujo evento teria influenciado as cunhagens mais antigas na região. Entre 440 e 400 a.C. a fabricação de moedas *incusas* foi abandonada em Metaponto e em Crotona e neste período, também, ocorrem a emergência de Túrio e Taras como as principais emissões da região.

Os tipos monetários de Zeus foram cunhados na Magna Grécia somente no século IV a.C., nas pólis de Locris e de Metaponto. De modo geral, a cronologia desse século foi obtida de forma aproximada e poucas emissões podem ser correlacionadas. (KRAAY, 1976: 162)

Assim, dentre as imagens monetárias de Zeus a mais antiga foi emitida por Locris em c. 375 a.C. Esta pólis foi fundada pelo povo da Lócrida no início do século VII a.C., como atestam as evidências arqueológicas. (FISCHER-HANSEN; NIELSEN; AMPOLO, 2005: 274) Apesar da anterioridade de sua fundação, Locris foi a única das maiores cidades gregas da Magna Grécia a bater moedas apenas no século IV a.C. A primeira emissão foi uma única série de estateres de prata, cuja imagem do anverso era a cabeça de Zeus à direita com coroa de folhas de oliveira, cabelos curtos e no reverso a figura de Eirene sentada (**fig.14**). O tipo de Zeus dessas moedas pode ser



relacionado a Zeus Eleutherios de Siracusa. (FISCHER-HANSEN; NIELSEN; AMPOLO, 2005: 277) Essa emissão às vezes é associada à atividade de Timoleonte na região, mas se a representação de Eirene em Locris significou a personificação da deusa da cidade como ocorreu com a representação de Nike em Terina, a emissão representou uma manifestação de paz e não deve ser posterior a 375 a.C. (KRAAY, 1976: 197)



14

Ao redor de 332 a.C. a pólis de Locris emitiu uma série monetária de estateres de prata com a imagem da cabeça de Zeus à esquerda com coroa de folhas de oliveira, cabelos longos e barba no anverso. No reverso dessas moedas está representada a águia carregando uma lebre com suas garras (**fig. 15**). Em relação a esse tipo não encontramos nenhuma referência bibliográfica a respeito, somente a imagem da moeda retirada do catálogo SNGD.



15

O outro tipo monetário de Zeus foi cunhado pela pólis de Metaponto em aproximadamente 340 a.C. Metaponto foi fundada pelos acaios ao redor do século VIII e VII a.C. e sua emissão iniciou-se em c. 550 a.C., como dissemos anteriormente. (FISHER-HANSEN; NIELSEN; AMPOLO, 2005: 279) Segundo C.M.Kraay (1976: 194) a história de Metaponto no século IV a.C. é pouco conhecida e a cunhagem em muitos momentos foi interrompida. A partir do estudo dos tipos monetários sabemos que o padrão da cabeça divina no

anverso e do emblema de Metaponto, a espiga de trigo, como a imagem do reverso permanecem ao longo desse século. A cabeça de Zeus à direita com coroa de folhas de oliveira, cabelos longos e barba (**fig.16**) é associada a Zeus *Eleutherios*, como na Sicília, significando a libertação da tirania e, seu uso em Metaponto, pode celebrar o fim do poder do déspota local. (KRAAY, 1976: 195)



16

Uma outra emissão com tipos monetários de Zeus é atribuída a Metaponto no século IV a.C. Alexandre Molosso, rei do Épiro, lutou na Magna Grécia entre 334 e 330 a.C., e de sua realização nesses anos foram emitidas moedas em seu nome nas póleis de Taras, Locris e Metaponto. A moeda cunhada em Metaponto em c. 330 a.C. traz no anverso a cabeça de Zeus Dodoneo à direita com cabelos longos e barba (**fig.17**). A imagem de Zeus de Dodona faz referência ao centro político e religioso da tribo molossa. No reverso está representado o raio alado de Zeus. (KRAAY, 1976: 192)



17

## A TESSÁLIA

Diferente das outras regiões do mundo grego, a história da cunhagem na Tessália remonta ao século IV a.C., quando as pólis locais começaram a emitir suas próprias moedas. A planície da Tessália forma uma unidade natural, bem irrigada pelos riachos que fluem para as montanhas ao redor. Contudo, a região foi continuamente dominada por qualquer cidade, sendo sua história baseada no controle entre duas cidades: Larissa e Pherae. (KRAAY, 1976: 115)

Apesar das cunhagens efetivas na Tessália datarem do século IV a.C., como comprovam a quantidade de cidades que passaram a emitir séries monetárias neste século, os numismatas costumam lembrar que em Larissa foram batidas moedas, cujo estudo epigráfico e estilístico indicaram o início do século V a.C. como a época possível para a realização dessas emissões. (GARDNER, início do século XX: XXIII)

Segundo nos diz C.M. Kraay (1976: 115), o padrão persa foi utilizado nessas emissões iniciais e é adequadamente explicado pela intenção persa, no final do século VI a.C., de incluir a Macedônia e o norte da costa do Egeu ao seu império. Subsequentemente, com a retirada dos persas o padrão foi abandonado e trocado pelo eginético para ajustar-se com o padrão da região vizinha, a Beócia.

A história das emissões monetárias no século IV a.C. é conhecida em grande detalhe, pois nesta época a Tessália esteve envolvida com os principais poderes gregos e com o poder macedônio, como atestam os testemunhos literários da época. Assim, sabemos que as cunhagens das pólis tessálias foram influenciadas pelo controle de Felipe II na região, a partir de 354 a 344 a.C. em diante, dividindo as emissões do período em antes e depois do controle macedônio. De acordo com os estudiosos, em 344 a.C. Felipe II impôs definitivamente o seu domínio na Tessália. Essa data é aceita como o término da cunhagem autônoma das cidades na região, a qual foi substituída pelas emissões reais de Felipe e mais tarde pelas de Alexandre. (GARDNER, início do século XX: XXVI; KRAAY, 1976: 117-118)

Nessa época todas as moedas eram cunhadas em bronze, um desenvolvimento atribuído principalmente à segunda metade do século IV a.C. Mas, encontramos, também, a ocorrência da cunhagem de didracmae (estateres) em prata, pois o metal se tornou disponível a partir de fontes macedônias. Entretanto, como ressalta C.M. Kraay (1976: 118) poucas emissões da Tessália pertencem ao período



macedônio, proporcionando uma contradição acerca da velha visão de que o domínio de Felipe II levou ao fim a cunhagem na Tessália.

De qualquer forma, os tipos monetários de Zeus emitidos pelas póleis da Tessália pertencem ao período em que a cunhagem na região sofreu interferência do poder de Felipe, sendo esses tipos datados de 350 e 344 a.C. e emitidos pelas cidades de Gomphi, Hypata, Ekkara, Melitaia, Kierion (Cierium), Gyrton e pelos Ainianes.

A primeira imagem monetária de Zeus, que citamos, foi cunhada pela polis de Gomphi em c. 350 a.C. No anverso da moeda, encontra-se representada a cabeça da deusa Hera e, no reverso, a figura de Zeus sentado à esquerda sobre uma rocha e segurando com a mão direita um cetro (**fig.18**). Conforme nos diz Kraay (1976: 119), Felipe II apreciava a posição estratégica de Gomphi, pois estava situada na passagem para o monte Pindo e talvez por isso ele tivesse refundado a cidade com o nome de Philippopolis, como sugerem as inscrições de algumas moedas dessa cidade.



18

Em Hypata encontramos um tipo monetário de Zeus datado de c. 350 a.C., cujo anverso é a cabeça de Zeus à direita com coroa de folhas de oliveira, cabelos longos e barba. No reverso, a deusa Atena é representada em pé à esquerda segurando um escudo com a mão direita (**fig.19**).



19

Em Ekkara e Melitaia foram cunhadas cabeças de Zeus à esquerda com coroa de folhas de oliveira, cabelos longos e barba, em c. 350 a.C. No reverso da moeda de Ekkara está representada a deusa Ártemis em pé à esquerda (**fig.20**) e no reverso do exemplar de Melitaia encontra-se o desenho de uma abelha (**fig.21**).



20



21

Sobre essas peças não foram encontradas informações acerca do contexto da cunhagem ou da existência de um culto de Zeus em ambos locais. Podemos somente inferir que as moedas foram emitidas no período do domínio de Felipe II na região.

Ao redor do ano de 344 a.C. foi datado o tipo monetário de Zeus de Kierion (Cierium), que emitiu um óbolo e um trihemíóbolo de prata. Em ambas as moedas o anverso possui a figura da cabeça laureada de Zeus à direita com cabelos longos e barba. No reverso do óbolo está representado Apolo sentado à esquerda (**fig. 22**) e, no reverso do óbolo da segunda emissão, a figura da Ninfa Arne (**fig. 23**).



22



23

A representação de Zeus nestas moedas pode ter sido inspirada nos estateres de prata de Felipe II (vide **fig.26**). (KRAAY, 1976: 119)



26

De Gyrtion conhecemos uma moeda de c. 344 a.C., cujo anverso está a figura da cabeça laureada de Zeus à direita com cabelos longos e barba. O reverso possui a imagem de um cavalo trotando à direita (**fig.24**). Não encontramos, também, nenhuma informação sobre o contexto da emissão dessa peça, somente uma suposição a qual diz que um culto a Zeus em Gyrtion pode ser inferido a partir das moedas. (DECOURT; NIELSEN; HELLY *et al.*, 2005: 693)



24

Uma outra emissão interessante de um tipo monetário de Zeus não foi cunhada por uma polis, mas realizada pelos Aianianes, um *ethnos* localizado dentro da área de controle e interesse tessálios. (DECOURT; NIELSEN; HELLY *et al.*, 2005: 683) A moeda é datada de c. 344 a.C. e possui no anverso a imagem da cabeça laureada de Zeus à direita com cabelos longos e barba. No reverso, está a figura de um guerreiro em pé de frente segurando uma lança com a mão direita (**fig.25**). As informações mencionadas são as únicas que dispomos sobre esta peça. Podemos apenas situá-la à época em que a Tessália esteve sobre a influência definitiva da Macedônia (344 a.C.).



25

No *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*, encontramos uma referência sobre um tipo monetário de Zeus cunhado pela polis de Mopsion no século IV a.C. A moeda possui a imagem da cabeça de Zeus à direita e, no reverso, um lapita lutando com um centauro. (DECOURT; NIELSEN; HELLY *et al.*, 2005: 698)



## A MACEDÔNIA

Os estudiosos costumam situar o início da cunhagem na Macedônia entre o final do século VI a.C. e início do século V a.C., quando dentre as cunhagens tribais do interior macedônio e da Calcídia são identificadas as mais antigas emissões reais. Nesse sentido, estudar a cunhagem da região é estudar a história dos reis macedônios.

O primeiro rei responsável por uma emissão foi Alexandre I, que esteve ativo entre 480 e 451 a.C. O peso, padrão e o tamanho, utilizados em suas emissões, correspondem àqueles das cunhagens tribais anteriores a ele. Conforme nos diz C.M. Kraay (1976: 142), as emissões de seu reinado foram também alteradas para facilitar a troca entre o dinheiro macedônio e o dinheiro das principais cidades gregas.

As emissões realizadas por seu sucessor, Perdicas II (451-413 a.C.), representaram uma continuidade da cunhagem de seu pai, Alexandre I. Em contraste, para as emissões do reinado do filho de Perdicas, Arquelaos I (413-399 a.C.), foi utilizado um novo padrão para a cunhagem macedônia que permaneceu até o reinado de Felipe II: o uso do nome do rei responsável pela emissão – que aparece inscrito na moeda – e a representação da cabeça de Hércules no anverso das moedas. (KRAAY, 1976: 144-145)

Desde as emissões de Alexandre I até as emissões dos sucessores de Arquelaos - Aeropos, Amyntas II e III, Pausânias e Perdicas III – a representação do cavalo, do elmo, do cavaleiro foram os temas iconográficos usados nas emissões reais da Macedônia. Contudo, a partir de Felipe II os tipos monetários foram alterados e utilizados novos tipos, dos quais destacamos a imagem de Zeus.

De acordo com Kraay (1976: 145), a política de Felipe II desencadeou uma grande mudança na economia do estado fraco e atrasado em que se encontrava a Macedônia no início do século IV a.C. Essas mudanças, que proporcionaram o significado para o período, refletiram-se também nas cunhagens realizadas pelo rei. De fato, a maior inovação de Felipe foi a criação da maior cunhagem de ouro realizada no mundo antigo, cujo metal era extraído na região de Thasos, próximo ao monte Pagaeus nomeado mais tarde de monte Krenides (Diodoro XVI, 3.7). A mina de ouro foi incluída no tesouro real e constituiu a principal fonte do metal para a cunhagem em ouro de Felipe. Os estateres dessa primeira emissão em ouro possuíam a representação da cabeça de Hércules, no anverso, e a imagem do

trípode, no reverso. Já as moedas da segunda emissão, possuíam a cabeça laureada de Apolo no anverso e, no reverso, a figura de uma biga e o nome de Felipe. Os pesquisadores interpretaram que a associação entre a imagem do anverso e do reverso pode significar a relação de amizade de Felipe com Delfos e, portanto, suas aspirações em se tornar o líder do mundo grego.

Uma análise dos símbolos e monogramas presentes no reverso desses estatêres revelaram o local de origem dessas emissões: Pela e Anfípolis, as duas cidades responsáveis pelas emissões reais nesse período.

Além das emissões em ouro, Felipe II realizou emissões em prata, cujo reverso dos tetradracmas cunhados existem em duas versões iconográficas. A primeira delas mostra a imagem de um cavaleiro muito semelhante às representações utilizadas pelos antigos reis macedônios do século V a.C., porém, através da figura desse cavaleiro Felipe quis se representar. O segundo tipo monetário do reverso é a figura de um jóquei montado carregando uma palma da vitória, que certamente comemora a vitória de Felipe nos jogos de 356 a.C. (KRAAY, 1976: 145)

O anverso desses tipos monetários é invariavelmente a representação da cabeça laureada de Zeus desenhada em estilo soberbo e em alto relevo acentuado (**fig.26**). De acordo com Kraay (1976: 147) essa imagem é sem dúvidas uma referência a Zeus de Olímpia, pois complementa a comemoração de Felipe II pela primeira vitória na corrida a cavalo nos jogos olímpicos de 356 a.C. Mas, assim como a cabeça de Apolo no anverso das moedas de ouro, a representação de Zeus de Olímpia foi deliberadamente escolhida como uma expressão da propaganda pan-helênica de Felipe.



O próximo tipo monetário de Zeus cunhado na Macedônia foi emitido por Alexandre, o Grande em c. 331 a.C. No anverso desses tetradracmas de prata está a imagem da cabeça de Héracles jovem à direita usando uma pele de leão - o ancestral mítico da casa real macedônia – imaginado para simbolizar um paralelo entre as façanhas de Héracles e aquelas de Alexandre. (KRAAY, 1976: 145) No reverso desse tipo, Zeus é mostrado sentado no trono à esquerda segurando a águia com a mão direita e, como a mão esquerda, o cetro (**fig.27**).



27

## CRETA

O início da cunhagem na ilha de Creta remonta ao final do século V a.C. e início do século IV a.C., e sua história foi marcada pela influência das moedas de Egina - que circulavam na ilha - e da dependência dos cretenses na prata importada para a realização das cunhagens. Os estudos comprovaram que a ausência de prata na ilha levou os cretenses a baterem suas moedas a partir das moedas de Egina. A reutilização de moedas cunhadas fora da ilha foi possível, também, pelo retorno dos soldados mercenários cretenses, que eram pagos com dinheiro estrangeiro. Colin M. Kraay (1976: 49) diz que após c. 330 a.C. houve um aumento na quantidade e na variedade de moedas importadas, que entraram em Creta e foram usadas para a recunhagem. Provavelmente, esse fato tenha sido ocasionado na época pelo retorno dos soldados mercenários cretenses trazendo seu pagamento.

De fato, a influência de Egina pode ser percebida pela adoção do padrão eginético nas emissões cretenses. Além disso, colonizadores da ilha de Egina puderam se estabelecer na região de Cidônia em Creta, fundando ali uma base na ilha (Heródoto, III, 59). A estreita relação entre ambas as ilhas fortalecem a idéia de que certas séries monetárias de Egina foram batidas em Creta. (KRAAY, 1976: 50)



No final do século XIX, o numismata Warwick Wroth escreveu, na introdução do BMC sobre as emissões cretenses (p. XI), que a história de Creta é principalmente a história de suas cidades individuais. Cada qual com seu próprio governo e com seus interesses isolados; cada qual batendo suas próprias moedas e usando seu calendário próprio.

Essa tese é completada por Kraay (1976: 54), quando diz que até o final do século IV a.C. a cunhagem em Creta esteve restrita às emissões ocasionais de algumas cidades importantes, como Festos, Gortina e Cnossos. Mas evidências obtidas a partir dos dados sobre o estudo das recunhagens e de tesouros monetários indicam que a cunhagem na ilha foi adotada livremente de uma cidade a outra, não existindo evidências sobre o uso dessas moedas no comércio estrangeiro. As emissões em Creta são caracterizadas por breves períodos de cunhagem, que costumavam ser alternados por longos períodos de inatividade.

No *An Inventory of Archaic and Classical Poleis* (2005), Paula Pearlman, a autora responsável pelo estudo das póleis de Creta, observou que as moedas emitidas na ilha, datadas de 330-280 / 70 a.C. constituem as evidências mais antigas sobre o status de póleis de 30 comunidades. Mas ao mesmo tempo indicam que não havia polis no sentido político até o período clássico tardio. (PEARLMAN, 2005: 1149)

Acerca dos tipos monetários, nada se conhece da existência de escolas locais de artistas responsáveis pela criação dos desenhos gravados no anverso e reverso das moedas. Sabemos que os cretenses usaram as imagens das moedas de outras cidades e até mesmo de outras regiões do mundo grego como padrões ou como cópias diretas para as suas moedas locais, como é o caso do tipo monetário de Hera em Cnossos, modelada a partir da deusa Hera representada nas moedas de Argos (Peloponeso) do século IV a.C. (WROTH, século XIX: XXIII) No capítulo sobre o Peloponeso, Colin M. Kraay sugere que as cabeças de Zeus cunhadas pelas cidades cretenses de Eleutherna e Polyrhenion são semelhantes às aquelas cabeças de Zeus cunhadas por Élis em Olímpia ao longo do século IV a.C. (KRAAY, 1976: 107)

Apesar das influências de outras localidades, várias moedas apresentam divindades estritamente cretenses, enquanto que outros tipos representam divindades cultuadas por todo o mundo grego, mas retratadas sob a forma local. Assim, dentre os deuses gregos,

os mais representados nas moedas de Creta são Zeus e Apolo. (WROTH, século XIX: XXV)

Os tipos monetários de Zeus foram cunhados, em Creta, pelas cidades de Cnossos e Praios, em c. 350 a.C., e pelas cidades de Polyrhenion, Hierapytna, Festos, Moda e Olonte, em c. 330 / 25 a.C.

De acordo com Kraay (1976: 52), a cidade de Cnossos foi uma das primeiras a emitir moedas na ilha, iniciando sua cunhagem com a imagem do Minotauro em moedas datadas ao redor de 425 a.C. Todavia, a representação de Zeus ocorreu em duas emissões de c. 350 / 20 a.C. No anverso das moedas da primeira emissão está representada a cabeça de Deméter ou Perséfone à esquerda e no reverso está a imagem da cabeça laureada (?) de Zeus à direita com cabelos curtos e barba (**fig.28**). No anverso dos tipos monetários da segunda emissão está representado a cabeça de Apolo à esquerda e no reverso a imagem de Zeus sentado no trono à esquerda, segurando Nike com sua mão esquerda e com a mão direita o cetro (**fig. 29**).



Os tipos monetários de Zeus cunhados por Praios também foram datados aproximadamente em 350 a.C. No anverso, Zeus *Dictaios* é representado sentado no trono à esquerda segurando a águia na mão direita e com a mão esquerda, o cetro. No reverso está a representação de um touro (**fig.30**) e, em uma emissão de 325 a.C., está a imagem de um prótomo de um bode (**fig. 31**). Conforme nos informa Paula Pearlman (2005: 1184), na região de Praios, próximo a Palaikastro, existiu um templo dedicado a Zeus *Dictaios*, que remete ao culto de Zeus no monte Dicta em Creta.



Em Festos ao redor da mesma data, c. 350 a.C., foram cunhadas moedas, cujo anverso está a imagem de Zeus *Velchanos* à esquerda encostado em uma árvore. No reverso está a figura de um touro (fig.32). Na bibliografia consultada não encontramos nenhuma informação acerca da emissão ou de algum culto de Zeus na cidade.



32

Em c. 330 a.C., Polyrrhenion bateu estateres de prata com a representação da cabeça de Zeus à direita com coroa de folhas de oliveira, cabelos longos e barba, no anverso. No reverso está a imagem de um bucrânio adornado de fitas (fig.33). Na polis de Hierapytna, na mesma data, foram cunhados estateres de prata com o mesmo padrão de representação da cabeça de Zeus (fig. 34) – à direita com coroa de folhas de oliveira, cabelos longos e barba - e ambos os desenhos são muito semelhantes. No reverso do exemplar está representada a figura de uma ave em pé com as asas fechadas atrás de uma palmeira.



33

34

Na cidade de Moda em c.330 a.C. – a única cidade de Creta que não encontramos referências no *An Inventory of Archaic and Classical Poleis* (2005) – foram emitidas moedas com a imagem da cabeça de Zeus à direita com cabelos curtos e barba, no anverso. No reverso, está a representação de um bucrânio (fig. 35).





35

Dentre as quatro cidades, cujas moedas datam de aproximadamente 330 a.C., a polis de Olonte é a única em que encontramos a existência de um culto a Zeus *Tallaíos*, que foi a divindade protetora da cidade. (PEARLMAN, 2005: 1179) No anverso da moeda está representada a cabeça de Britomartis diademada à esquerda e, no reverso, a imagem de Zeus sentado no trono à esquerda, segurando a águia com a mão esquerda e o cetro com a mão direita (**fig.36**).



36

### Referências das imagens

1. Williams: 3 (Período I, Seção 1); 2. Williams: 126 (Período II, Seção 2); 3. Williams: 319 (Período V); 4. Kraay: 319; 5. Kraay: 322; 6. Kraay: 318; 7. Kraay: 774; 8. Kraay:838; 9. Kraay:837; 10. BMC: Sicily:p.64; 11. SNGCop:710; 12. BMC: Sicily p.13-14; 13. BMC: Sicily p.26; 14. Kraay: 719; 15. SNGCop: 1858; 16. Kraay: 607; 17. Kraay: 686; 18. Kraay: 397; 19. SNGCop: 74; 20. SNGCop: 47 e 48; 21. SNGCop: 172 e 173; 22. Kraay: 398; 23. SNGCop: 32; 24. SNGCop: 59; 25. SNGCop: 1; 26. Kraay: 512; 27. SNGCop: 665; 28. SNGCop: 371 e 372; 29. BMC: Crete and Aegean Islands Pl.V, 14; 30. SNGCop: 540; 31. Sear: 3363; 32. SNGCop: 515; 33. Sear: 3350; 34. Sear: 3304; 35. Sear: 3339; 36. Sear: 3340.

## Referências Bibliográficas

CALLATÄY, F.; GITLER, H. *The Coin of Coins*. Jerusalem: The Israel Museum, 2004.

DECOURT, J-C.; NIELSEN, T.H.; HELLY, B. 'Thessalia and adjacent regions' (s.v.). In: HANSEN, H. H.; NIELSEN, T.H. (org.) *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford University Press, 2005.

FISCHER-HANSEN, T.; NIELSEN, T.H.; AMPOLO, C. 'Sikelia'(s.v.). In: HANSEN, H. H.; NIELSEN, T.H. (org.) *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. 'Italia and Kampania' (s.v.). In: HANSEN, H. H.; NIELSEN, T.H. (org.) *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford University Press, 2005.

GARDNER, P. *The British Museum Catalogue (BMC)*. A Catalogue of Greek Coins. Peloponnesus. Bolonha: Arnaldo Forni Editore, 1963 (edição original início do século XX).

\_\_\_\_\_. *The British Museum Catalogue (BMC)*. A Catalogue of Greek Coins. Thessaly to Aetolia. Bolonha: Arnaldo Forni Editore, 1963 (edição original início do século XX).

KRAAY, C. M. *Archaic and Classical Greek Coins*. London: Methuen, 1976.

MANGANARO, G. 'Ancora sui culti della Sicília greca: Zeus Sóter e il fiume Sichas'. *Rivista Svizzera di Numismática* (2003), Vol. 82, p.5-15.

NIELSEN, T. H. 'Arkadia' (s.v.). In: HANSEN, H. H.; NIELSEN, T.H. (org.) *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford University Press, 2005.

PEARLMAN, P. 'Crete'(s.v.). In: HANSEN, H. H.; NIELSEN, T.H. (org.) *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford University Press, 2005.

SEAR, D. *Greek Coins and their Values*. Londres: Seaby, 1978.

SHIPLEY, G. 'Messenia' (s.v.). In: HANSEN, H. H.; NIELSEN, T.H. (org.) *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford University Press, 2005.

WILLIAMS, R.T. *The Confederate Coinage of the Arcadians in the Fifth Century B.C*. N. York: The American Numismatic Society, 1965.

WROTH, W. *The British Museum Catalogue (BMC)*. A Catalogue of Greek Coins. Crete to Aegean Islands. Bolonha: Arnaldo Forni Editore, 1963 (edição original início do século XX).

# *Histórias sobre uma das mais bonitas cédulas já produzidas*

*Hilton Lucio Magri*

## **Introdução**

Independentemente de sua raridade e valor de mercado, todas as cédulas e moedas (algumas mais e outras menos) trazem uma séria de informações sobre a história, costumes e aspirações do país emissor. Um dos aspectos mais prazerosos da numismática é apreender com estas informações.

Este artigo apresenta algumas curiosidades sobre um bilhete que é considerado como um dos mais bonitos já emitidos, o de 5 Colones de Costa Rica (série D). Não se trata de uma peça extremamente valiosa e muito menos rara, mas não deixa de ser curiosa a reputação que este cédula tem, tanto em território costarriquense como no exterior.

## **Descrição da Cédula**

A cédula de 5 Colones Série D foi desenhada e impressa pela empresa Thomas de La Rue & Company Limited. No seu averso (**Figura 1**) apresenta, a esquerda, a figura do Rafael Yglesias Castro; presidente da Costa Rica por dois mandatos consecutivos, entre 1894 e 1902.

Acima, observam-se o nome do banco central, local de emissão (San José) e a data de emissão.

Na parte central/direta, apresenta-se uma reprodução da flor de nome Guaria Morada (*Cattleya skinneri*), uma orquídea roxa que foi designada como a flor nacional da Costa Rica em 15 de junho de 1939.



Figura 1 – Averso da Cédula de Cinco Colones Série D



Em vermelho, aparecem duas vezes o número de série e a denominação da série única de emissão destas cédulas (D). Duas assinaturas de dirigentes do Banco Central fecham o conjunto do anverso (existem várias combinações de assinaturas).

Nos canto superior esquerdo e no canto inferior direito aparece o número cinco, em duas fontes e tamanhos diferentes.

Existe uma série comemorativa com anverso carimbado, para comemoração dos 25 anos da Fundação do Banco Central (1975). Segundo informações fornecidas pelo senhor Manuel Chacón (Curador do Museu de Numismática do Banco Central da Costa Rica) este e outros carimbos comemorativos foram aplicados pelos técnicos do Banco Central, em solo costarricense, e não pelo fabricante das cédulas (**Figura 2**).



Figura 2 – Carimbo Comemorativo no Anverso da Cédula de 5 Colones (1975)

Mas é o reverso desta cédula que realmente chama a atenção dos numismatas do mundo todo. A “jóia da coroa” desta cédula é uma representação fiel da pintura “Alegoria ao Café e a Banana”, e instalada no teto das escadarias do Teatro Nacional, em San José, capital da Costa Rica (Figura 3).

Nas laterais, o número 5 em círculo com elemento de segurança e motivos florais. Abaixo do valor por extenso, aparece a tradicional identificação do fabricante.



Figura 3 – Reverso da Cédula de Cinco Colones

## Elementos Utilizados na Cédula – O Anverso

Graças a sua geografia única, constituída basicamente por três cadeias montanhosas, salpicada com 12 vulcões com variados graus de atividade e banhada por dois oceanos (Atlântico e Pacífico), a Costa Rica, mesmo com sua área diminuta de 50.700 quilômetros quadrados (equivalentes a área do Estado do Rio Grande do Norte), se constitui em um dos maiores pontos de concentração de biodiversidade do planeta.

Este pequeno país centro americano supera, em termos de biodiversidade, gigantes como a União Européia (todo o território) e os Estados Unidos.

Espécies únicas e endêmicas (que ocorrem em uma pequena área geográfica) são comuns na Costa Rica, e este é o caso da Guaria Morada, uma orquídea de coloração roxa, escolhida como a flor símbolo do país ainda na década de 30 do século XX (**Foto 4**). No total, já foram identificados mais de 1600 tipos diferentes de orquídeas neste diminuto país.

Todo este tesouro natural não passa despercebido por turistas de todo o mundo, que deixaram em 2008 cerca de dois bilhões de dólares nos cofres do país.



Figura 4 – Biodiversidade - Guaria Morada, flor nacional da Costa Rica desde 1939

## Elementos Utilizados na Cédula – O Reverso

Mesmo nas pequenas dimensões da cédula (155 mm por 65 mm), a reprodução da pintura de Aleardo Villa chama a atenção por seu realismo e riqueza de detalhes. Abaixo da legenda com o nome do Banco Central, apresenta-se uma cena de colheita e embarque de café e banana para o interior de um vapor.

O contraste entre as sombras (realçadas através dos chapéus das colhedoras de café e de sua projeção na parte central da cédula) e as luzes (tanto do horizonte azul como do piso bege onde o café está sendo empilhado) formam um conjunto harmonioso e sem dúvida notável.

Esta obra pode ser apreciada em seu tamanho natural (cerca de 2 metros de altura por 6 de comprimento), no teto das escadarias do Teatro Nacional de San José. **(Figuras 5 e 6).**



Figura 5 - Pintura Original Utilizada no Reverso da Cédula de Cinco Colones

A pintura original, que ocupa uma área total de 12 metros quadrados, teve que ser reduzida para as dimensões do reverso da cédula (155 mm por 65 mm), com uma área final de 0,01023 metros quadrados (redução de 1173 vezes !!!!).

Atítulo de comparação, isto seria o mesmo que reduzir toda a área do gramado do Maracanã a uma vaga pequena de estacionamento !!!! Mesmo com essa redução dramática, toda a beleza e impacto da obra original foram transferidos para a cédula.



Figura 6 – Assinatura do Artista na Obra Original ( ? . Villa – Milano - 18(97))



O pintor do quadro original, Aleardo Villa, nasceu em Ravello, Itália, em doze de fevereiro de 1865 e se suicidou em Milão, 31 de dezembro 1906. Seus trabalhos de maior fama, no entanto, não foram as telas, e sim os cartazes publicitários. Alguns destes cartazes clássicos de propaganda italiana do final do século XIX e começo do século XX são de autoria de Aleardo. Reproduções destes trabalhos são muito procuradas até hoje por colecionadores (**Figuras 7 e 8**).

Curiosamente, o reverso da cédula apresenta o autor do quadro como J Villa.



Figuras 7 e 8 – Trabalhos Publicitários de Aleardo Villa (Séculos XIX e XX)

## O Contexto Sócio Econômico

Quando da construção do Teatro Nacional (finalizado em 1897), a Costa Rica lutava para se firmar como um país exportador de café. Apesar da grande produção, poucos consumidores reconheciam o país como a origem do produto, dada a existência de um grande número de empresas envolvidas no processo de comercialização e distribuição.

A construção do Teatro Nacional de San José foi uma forma encontrada pelos cafeicultores costa-riquenses do final do século XIX, que formava a elite econômica e cultural do país, de se legitimar artística e culturalmente perante seu maior mercado consumidor a época, a Europa. A contratação de um renomado artista europeu para pintar uma cena cotidiana da produção de café e banana, é parte deste processo.

Um imposto foi criado para o financiamento de sua construção. Para cada saco de café exportado era coletada uma quantia destinada a construção do teatro. Na pinuta original, pode-se ler “Producto de

Costa Rica' nos sacos de café que estão sendo embarcados.

Em função da exuberância do prédio do Teatro Nacional ao final de sua construção e da riqueza de seus detalhes arquitetônicos e de decoração, San José, na época com cerca de 20.000 habitantes, grande parte dos quais pessoa simples que viviam como colhedores de café, ficou conhecida por muito tempo como “a vila ao redor do teatro”.

Já no século XX, uma das razões pelas quais esta pintura foi utilizada no reverso da cédula pode estar associado ao fato da Costa Rica querer se afirmar, uma vez mais, como produtora de um café diferenciado na América Central.

Na mesma linha de raciocínio, a utilização da orquídea no anverso pode estar ligada ao então recém iniciado movimento de preservação do meio ambiente na Costa Rica (a cédula foi lançada originalmente em 1962 e a primeira reserva nacional foi criada em 1963). Após seguidas expansões, as áreas de reservas naturais na Costa Rica correspondem hoje a cerca de 20% do território. Todas essas áreas são a base da indústria do eco turismo neste país.

## **A Fama da Cédula**

É impossível andar pelas ruas do centro de San José sem se deparar com a cédula de cinco colones. Vendedores ambulantes e bancas de jornal a vendem como souvenir, assim como a loja do Museu do Banco Central.

No restaurante do teatro, os papéis toalha utilizados nas mesas trazem a estampa das trabalhadoras de café no quadro utilizado no reverso.

Vários costa-ricenses com quem tive a oportunidade de conversar carregam uma dessas na carteira. Superstição ? Não, é pela beleza mesmo, respondiam alguns.

Uma reprodução da cédula decora a entrada do Museo de Numismática do Banco Central da Costa Rica.

O reconhecimento internacional sobre a beleza deste bilhete veio em 1993, quando a cédula ficou em segundo lugar num concurso mundial. Mais de 500 cédulas são normalmente inscritas por ano neste concurso.



Figura 9 – Reprodução Livre da Cédula em Centro Comunitário na Cidade de Orosi

Mas a prova final do quão adorado é este bilhete na Costa Rica pode ser observada em um mural de um centro comunitário na cidade de Orosi, situada em zona cafeeira localizada a cerca de 50 Km de San José. Uma reprodução feita por artistas locais decora uma das paredes laterais do centro comunitário dessa simpática localidade (**Figura 9**).

### Agracedimentos

A SNB gostaria de agradecer ao Senhor Manuel Chacón, Curador do Museo de Numismática del Banco Central de Costa Rica pela excelente recepção e pelo fornecimento de algumas das informações utilizadas para a criação deste artigo. Por ocasião da visita da SNB, foram gentilmente doadas algumas publicações especializadas sobre a numismática costarriquense, que serão incorporadas à biblioteca da SNB.

# As Moedas Zodiacais do Imperador Mughal Jahangir<sup>1</sup>

David André Levy

A quantidade de tipos e classes numismáticos pelos quais um colecionador de moedas da Índia pode dedicar uma atenção especial é extremamente numerosa. É bem possível que nenhuma série tenha despertado tamanha atenção e por tanto tempo quanto as moedas que exibem os signos do zodíaco e que foram cunhadas como resultado de um capricho do imperador Mughal Jahangir. Desde muito tempo atrás estas moedas têm sido usadas como amuletos e talismãs. Histórias românticas sobre sua origem e virtudes têm sido contadas e ainda podem ser ouvidas pelas pessoas comuns, e através do relato do viajante Tavernier<sup>2</sup> sabemos que tais moedas já faziam parte do folclore Indiano menos de 50 anos após a morte de Jahangir; e também que já naquela época as mesmas haviam se tornado tão raras que “dois ou três exemplares em ouro eram tão difíceis de encontrar que cem coroas tinham que ser pagas por apenas uma.” (Tavernier, *Viagens*, extraído de Hodivala).

## Introdução – a “Fé Divina”

O império Mughal foi fundado por Zahir ud-din Muhammad Babur em 1526, após ter derrotado, na batalha de Panipat, Ibrahim Lodi, o monarca afegão que dominava o Sultanato de Delhi. Os quatro anos seguintes foram dedicados a mais conquistas e consolidação do império. Em 1530, quando Babur morreu, seu império incluía territórios na Ásia Central, Kabul, Delhi, o Punjab e Bihar. Ele foi sucedido pelo seu filho Nasir ud-Din Humayun (1530-40; 1555-56), e para ele sobrou a tarefa de defender e consolidar as conquistas de seu pai. Durante os 50 anos do reinado de seu sucessor Akbar (1556-1605), o império se expandiu no que hoje é todo o norte da Índia, desde o Paquistão até Bangladesh.

<sup>1</sup> Gostaria de agradecer às seguintes pessoas e organizações pelo suporte a este trabalho: Shailendra Bandhare (Ashmolean Museum), Graham Byfield (A.H. Baldwin & Sons Ltd), Joe Cribb (British Museum), Nicholas Rhodes, e Dale Tatro (CNG – Classical Numismatic Group, Inc.).

<sup>2</sup> Jean-Baptiste Tavernier, joalheiro e viajante, nasceu em Paris em 1605. Ele fez cinco viagens ao Oriente, e durante a sua segunda viagem esteve em Agra, provavelmente no inverno do ano 1640-41, 13 anos após a morte de Jahangir; e em Ahmabad por volta do final de 1642. O livro “*Viagens*” de Tavernier foi publicado em inglês em 1684.



Sob Akbar, o império Mughal se distanciou da ortodoxia islâmica, e desta maneira passou a contar não somente com muçulmanos para obter apoio político, mas também com a nobreza hindu. Em 1581, após anos de discussões e estudos que o levaram a concluir que nenhuma religião detinha o monopólio da verdade, Akbar criou uma nova doutrina, que misturava elementos do Islamismo, Hinduísmo e Sikhismo; e em menor extensão, também o Cristianismo, Jainismo e Zoroastrianismo. O principal propósito desta nova religião, chamada Din-i Ilahi (“Fé Divina”) era o de juntar os melhores elementos de cada uma das principais religiões do seu império e assim reconciliar as diferenças que dividiam seus súditos. A promulgação deste credo foi seguida pelo estabelecimento da era Ilahi. Até então a contagem de tempo seguia o calendário islâmico, baseado em meses lunares e contados a partir da migração de Maomé para Medina no ano de 622 (ou Hégira, do árabe *al-hijri*, daí AH = *anno hegirae* que indica o calendário islâmico). O ano Ilahi era verdadeiramente solar, e a era Ilahi era contada a partir do Nauroz (o dia de Ano Novo), ou o dia em que o sol entrou em Áries no ano de ascensão de Akbar – AD 1556 / AH 963. O sistema de meses escolhido foi o antigo calendário persa, cujos meses eram chamados Farwardin, Ardibihisht, Khurdad, Tir, Amardad, Shahrewar, Mihr, Aban, Azar, Di, Bahman e Isfandarmuz. Moedas com o novo sistema de contagem de tempo passaram a ser cunhadas a partir de AH 992 / AD 1584, o 28º ano da era Ilahi.

| Mês Ilahi   | Signo do Zodíaco | Número do mês e número de dias |    | Início (Cal. Juliano) |
|-------------|------------------|--------------------------------|----|-----------------------|
| Farwardin   | Áries            | 1                              | 31 | 11 Março              |
| Ardibihisht | Touro            | 2                              | 31 | 11 Abril              |
| Khurdad     | Gêmeos           | 3                              | 32 | 12 Maio               |
| Tir         | Câncer           | 4                              | 31 | 12 Junho              |
| Amardad     | Leão             | 5                              | 31 | 14 Julho              |
| Shahrewar   | Virgem           | 6                              | 31 | 14 Agosto             |
| Mihr        | Libra            | 7                              | 30 | 14 Setembro           |
| Aban        | Escorpião        | 8                              | 30 | 14 Outubro            |
| Azar        | Sagitário        | 9                              | 29 | 13 Novembro           |
| Di          | Capricórnio      | 10                             | 29 | 12 Dezembro           |
| Bahman      | Aquário          | 11                             | 30 | 10 Janeiro            |
| Isfandarmuz | Peixes           | 12                             | 30 | 9 Fevereiro           |

Akbar morreu em Agra em Outubro de 1605 e foi sucedido por seu filho Salim, que subiu ao trono em 24 de Outubro sob o título de Nur-ud-Din Muhammad Jahangir, “a Luz da Fé, aquele que abraça o mundo”. Ainda que em seu reinado, que durou 22 anos, não tenha havido expansão territorial significativa, este foi um período de crescimento de poder e magnificência para o império. Foi sob Jahangir que a cunhagem Mughal atingiu seu mais alto grau de excelência. Em numismática, o nome Jahangir é sinônimo de beleza e complexidade, pois suas moedas foram o máximo de refinamento da Índia islâmica, e talvez mesmo as mais refinadas em todo o mundo islâmico. Seu senso estético era incrível e, além disso, Jahangir era aberto a inovações, dentre elas a cunhagem de uma série de moedas com os símbolos do zodíaco.

### **A criação das moedas zodiacais**

As famosas moedas zodiacais de Jahangir certamente eram para ser usadas como moeda comum, e de modo geral tomaram o lugar da cunhagem normal de Agra durante os oito anos de sua emissão (AH 1027-34 / AD 1618-1625). Tavernier, que visitou a corte de Aurangzeb em meados do século XVII, foi o primeiro a reportar a interessante lenda que dizia que Nur Jahan, a talentosa esposa do imperador Jahangir, havia pedido ao seu adorado esposo que lhe permitisse 24 horas de suprema soberania e, após obter seu consentimento, imediatamente mandou cunhar as tão celebradas moedas zodiacais, tendo antes conseguido recolher o metal necessário e os cunhos gravados com seu nome e o do imperador. A história é refutada pelas próprias moedas: de modo geral elas não contêm o nome da imperatriz, e ao invés de serem todas de uma só data e cunhadas em 24 horas, elas estão espalhadas ao longo de oito anos.<sup>3</sup>

Contudo, não é necessário especular sobre a origem destas moedas porque o próprio Jahangir reivindica o crédito para si. No 23º dia do mês Ilahi Farwardin, o primeiro mês do ano solar do 13º ano de reinado, o acampamento do imperador estava próximo de Ahmadabad, a esplêndida capital da província de Gujarat, e Jahangir decidiu passar uma temporada na cidade. O diarista imperial escreve: “antes disso, tem sido uma regra geral para cunhagem que de um lado seja gravado meu nome, e do outro o nome do lugar de cunhagem, o mês e o ano de meu reinado. Neste momento me ocorreu que ao invés do mês de cunhagem, a figura da constelação representando aquele mês deveria

<sup>3</sup> Lane-Poole menciona ao menos duas moedas conhecidas com o nome de Nur-Jahan. Hoje são conhecidos aproximadamente seis exemplares.

ser mostrada. Por exemplo, para o mês de Farwardin uma imagem de Áries deveria ser feita; e para o mês de Ardibihisht a figura de Touro. Assim por diante para cada mês no qual uma moeda fosse cunhada um dos lados deveria ter a figura da constelação, como que se dela emergisse o sol. Este método é peculiar a mim mesmo e nunca foi usado antes”.<sup>4</sup>

A declaração é bem explícita, e contém uma excelente descrição condensada das moedas. O ano Ilahi era um verdadeiro ano solar, e os meses Ilahi correspondiam precisamente ao tempo que o sol se mantinha nas respectivas casas celestiais. Jahangir abandonou a era e a fé Ilahi de Akbar, mas preservou a contagem solar através do uso dos meses Ilahi. O ano de reinado era contado a partir do equinócio de primavera de um ano para outro, e as moedas eram datadas pelo ano de reinado e podiam conter ou não o ano no calendário islâmico (Hégira).

O Ano Novo do 13º ano de reinado era o dia em que o sol entrava em Áries, o primeiro dia do mês Ilahi de Farwardin, o que correspondia ao 23º dia do 3º mês do ano da Hégira 1027 e ao dia 20 de Março de 1618. Jahangir decretou a emissão das moedas zodiacais fora de Ahmadabad no dia 23 de Farwardin enquanto o sol ainda se encontrava na constelação de Áries. O imperador fez sua entrada na cidade quando o sol já estava por sete dias em Touro. No quinto mês Ilahi, Amardad, os preparativos para a partida foram iniciados, e a comitiva iniciou a viagem em direção a Agra no dia 7 de Shahrewar, o sexto mês Ilahi. É precisamente aos primeiros cinco meses do ano de reinado 13 de AH 1027 que as moedas zodiacais de Ahmadabad pertencem. O metal é prata, e os signos são Áries, Touro, Gêmeos, Câncer e Leão (Fig. 13-17). Após a partida de Jahangir, não houve mais emissão de moedas zodiacais em Ahmadabad. Apesar de Jahangir ter deixado Ahmadabad em 21 de Shahrewar (2 de Setembro de 1618, calendário Juliano) em direção a Agra, não há evidência de que qualquer rúpia com a imagem de Virgem ter sido cunhada. A razão mais provável é o fato de Jahangir ter indicado seu filho, o príncipe Khurram (futuro imperador Shah Jahan), um muçulmano ortodoxo, como vice-rei da Subah (província) de Gujarat e governador de Ahmadabad. Por ordens do governador e futuro imperador Shah Jahan, a cunhagem de rúpias zodiacais em Ahmadabad parece ter sido proibida.

<sup>4</sup> The Jahangirnama, traduzido, editado e anotado por Wheeler M. Thackston, Oxford University Press, 1999.

O acampamento chegou a Fathepur Sikri, situada a 37 km de Agra, no 19º dia de Di, o 10º mês Ilahi. Havia uma praga em Agra, e por isso Jahangir permaneceu em Fathepur por cerca de três meses. Durante esta curta estadia, foram cunhados mohurs (ouro) e rúpias (prata) na casa da moeda de Fathepur Sikri, com o signo de Áries, datados AH 1028 e ano de reinado 14 (AD 1618), extremamente raros hoje.

Com algumas exceções em prata, quase todas as moedas zodiacais cunhadas entre esta data e o fim do reinado de Jahangir em AH 1037, no 22º ano de reinado, são mohurs de ouro, e quase todos cunhados em Agra. Jahangir parou de atualizar em pessoa seu diário em fins do 17º ano de reinado, um sinal de que sua vitalidade se esvanecia. É justamente durante estes últimos anos que as raras moedas de Urdu (acampamento)<sup>5</sup>, Caxemira e Lahore foram cunhadas. As moedas da Caxemira e de Lahore são associadas à imperatriz Nur Jahan, pois algumas delas mencionam seu nome junto ao de seu marido. Jahangir morreu no acampamento enquanto retornava de uma visita à Caxemira. A data de sua morte é 15 Aban, no 22º ano de reinado / 28 Safar AH 1037 / 7 de Novembro de 1627; e sua idade era de 58 anos.

Quase todas as moedas zodiacais foram cunhadas em apenas duas casas – as de ouro em Agra, a metrópole do Império Mughal à época do reinado de Jahangir, e as de prata em Ahmadabad, a maravilhosa capital da província de Gujarat no oeste da Índia. Aproximadamente 25 moedas são conhecidas das cidades de Ajmer, Urdu (acampamento), Fathepur, Caxemira e Lahore. O nome da imperatriz Nur Jahan aparece em apenas uma meia dúzia de moedas cunhadas na Caxemira e Lahore. Salvo raras exceções, as moedas de Agra são de ouro e as de Ahmadabad são de prata.<sup>6</sup>

Ainda que não se tenha certeza, atribui-se ao sucessor de Jahangir o fato de as moedas zodiacais serem muito raras hoje em dia (especialmente as de ouro). Shah Jahan era um muçulmano praticante e com uma postura muito mais ortodoxa do que seu pai; e uma vez feito imperador teria mandado recolher todas as moedas zodiacais para que fossem derretidas, tendo inclusive imposto pena de morte para quem as usasse.

<sup>5</sup> A palavra *Urdu* (acampamento) denota a casa da moeda itinerante que acompanhava o imperador e sua comitiva, sempre quando o mesmo não se encontrava na capital ou estabelecido em qualquer outra cidade.

<sup>6</sup> Uma exceção é a raríssima rúpia com o signo de Capricórnio, cunhada em Agra, e ilustrada neste artigo (Fig. 18). Agradeço ao Sr. Shailen Bandhare por gentilmente ceder esta imagem.



## Características das moedas

As moedas zodiacais estão em conformidade com peso e tamanho das moedas normais da época. As peças de ouro pesam 10.89 gramas, e em geral medem 2.0 – 2.2 cm; o peso das rúpias de prata é de aproximadamente 11.40 gramas e seu tamanho 1.9 – 2.0 cm. Algumas peças com meia denominação são conhecidas em prata, mas nenhuma em ouro. As legendas do reverso em geral contêm um verso poético em persa.

Alguns signos são mais raros que outros, e Aquário é particularmente raro. As figuras dos vários signos, combinados com os raios solares, como regra geral estão de acordo com a representação tradicional. Em ouro, o carneiro (Áries), o Touro com corcova, Gêmeos abraçados, caranguejo (Câncer), Leão, Balança, Escorpião, centauro (Sagitário), Capricórnio e os dois Peixes não apresentam peculiaridades especiais (Figs. 1-12). Mas Virgem aparece em três formas diferentes nos mohurs de ouro; a primeira como a tradicional figura alada em pé com uma espiga de milho numa das mãos (Fig. 6); a segunda como uma mulher agachada com uma trança em suas costas - uma figura tipicamente indiana; e a terceira, como uma mulher com um jarro sobre sua cabeça, que poderia ser descrita como um Aquário feminino. Existe uma quarta forma, de uma mulher dançando, que aparece num mohur falso. Aquário é representado por um velho com um jarro de água (Fig. 11), ou pelo jarro sozinho, sendo que há dúvidas sobre a autenticidade desta última. Em prata, Áries (Fig. 13) é muito semelhante ao ouro, enquanto Touro (Fig. 14) é apresentado a galope, saindo das nuvens. Gêmeos (Fig. 15) é bem semelhante ao ouro, exceto pelo fato de que estão, cada um deles, com um braço levantado. Leão e Câncer (Figs. 16 e 17) também são muito semelhantes às emissões em ouro. As moedas de prata podem conter estrelas sobre as figuras, visíveis apenas em moedas mais bem conservadas.

Quanto às legendas, há três tipos principais, sendo um deles para toda a cunhagem em ouro de Agra, e dois tipos para a cunhagem em prata de Ahmadabad. As moedas, todas muito raras, de outras casas (Ajmer, Urdu, Fathepur, Caxemira e Lahore) possuem legendas específicas.

**Agra:**

Todas as moedas desta casa possuem a figura do zodíaco de um lado e um verso poético em persa do outro, junto com a data (de 1027 a 1034, no calendário Islâmico). O ano de reinado em geral localiza-se no lado contendo o verso, salvo algumas exceções (por exemplo, Leão e Virgem) nas quais pode tanto estar no lado do verso quanto no da figura; nestes casos vem acompanhado da palavra *sanat* (ano). O verso é:

*yaft dar aghrah ruye zar rewar 10xx*  
*az jahangir shah, shahe akbar*

a face do ouro recebeu ornamentos em Agra 10xx  
do Shah Jahangir, (filho do) Shah Akbar

**Ahmadabad:**

Há dois tipos de reverso: um contendo um verso (Leão, Câncer) e o outro apenas os nomes do imperador Jahangir e de seu pai, o imperador Akbar (Áries, Touro e Gêmeos), junto com a casa da moeda. Todos os tipos possuem o ano da Hégira (sempre 1027) no lado do verso, e o ano do reinado no lado da figura, junto com a expressão *sanat julus* (ano de reinado).

**Leão / Câncer:**

*zar Ahmadabad ra dad zewar 1027*  
*Jahangir Shah, Shahanshah Akbar Shah*

Ao dinheiro de Ahmadabad deu ornamento 1027  
Jahangir, (filho do) imperador Akbar

**Áries / Touro / Gêmeos**

*darb Ahmadabad 1027*  
*Jahangir Badshah Akbar Badshah*

cunhado em Ahmadabad 1027  
imperador Jahangir, (filho do) imperador Akbar

### **Ajmer:**

O raríssimo mohur de Aquário ilustrado neste artigo (Fig. 11) tem como legenda:

*darb Ajmer 1032*

*Jahangir badshah ghazi*

cunhado em Ajmer em 1032

imperador Jahangir matador de infiéis

### **Caxemira:**

Outro exemplar raríssimo é o mohur de Câncer cunhado na Caxemira, no ano de 1034, e citando o nome da imperatriz Nur Jahan (Fig. 4):

*zi-hukm shah jahangir, yaft sad ziwar*

*zar bi-nam-i nur jahan badshah baygum*

*zarb kashmir 1034 / 20*

por ordem do shah jahangir, cem beldades ganharam

ouro, com o nome da imperatriz nur jahan

cunhado na caxemira 1034 / 20

### **Imitações**

As moedas zodiacais, tanto em ouro como prata, sempre atraíram muita atenção e competição entre colecionadores<sup>7</sup>. Após algum tempo, os hindus passaram a considerá-las como talismãs, para serem usadas no pescoço como forma de proteção, e mesmo senhoras inglesas as usavam como ornamentos. Conseqüentemente elas têm sido extensivamente falsificadas, a pouquíssimas coleções existem sem ter ao menos uma destas imitações. Contudo, é importante chamar a atenção para ao menos três classes de falsificações. De acordo com Lane-Poole, a classe (1) é formada por mohurs de ouro que são claramente antigos, e apesar de serem mais grosseiros e das formas peculiares de alguns signos, podem nem mesmo ser imitações, mas simplesmente alguns ensaios do tempo de Jahangir; a classe (2) é formada por imitações mais recentes, identificadas por certa grosseria no desenho e execução das figuras,

---

<sup>7</sup> Hoje, os mohurs são raramente oferecidos no mercado, e quando o são atingem valores extremamente altos, não menos que \$6,000 e podendo atingir os \$25,000 ou mesmo mais, dependendo de estado de conservação e raridade. As rúpias são também muito procuradas, e valem cerca de \$800 a \$1,200 em MBC.

e tendência a erros nas legendas persas (Figs. 2 e 9, ambas em prata); na representação de Virgem, consta nesta classe de imitações, além dos tipos usuais, uma curiosa figura de mulher dançando, que não ocorre em nenhum outro mohur conhecido. Finalmente, existe a classe (3) formada por meias rúpias que ao contrário das duas classes anteriores nunca poderiam ter tido a intenção de passar como dinheiro falso, ao contrário, estas devem ter sido vistas como uma cunhagem paralela ou simplesmente como ornamentos.

### **Bibliografia:**

1. Whitehead, R.B. – The Portrait Medals and Zodiacal Coins of the Emperor Jahangir – Part II: The Zodiacal coins, em Numismatic Chronicle and Journal of the Royal Numismatic Society, Fifth Series, Vol XI, London, 1931
2. Lingen, Jan – Some Observations on Jahangir's Ilahi-rupees of Agra, article available in South Asia Coin Group [http://www215.pair.com/sacoins/public\\_html/JehangirIlahiAgra.doc](http://www215.pair.com/sacoins/public_html/JehangirIlahiAgra.doc)
3. Lane-Poole, Stanley - Catalogue of Indian coins in the British Museum; the Moghul Emperors, 1892, London, printed by order of the Trustees of the British Museum
4. Thakur, Ashok Singh - Coins of Jahangir, 2006, Indian Coin Society
5. <http://en.wikipedia.org/wiki/Din-i-Ilahi>
6. Levy, David André – Moedas do Império Mughal na Índia, Boletim No 60 da Sociedade Numismática Brasileira, 2º Semestre - 2007
7. Correspondência particular com Nicholas Rhodes
8. Correspondência particular com Shailen Bandhare
9. Hodivala, S.H. - The Chronology of the Zodiacal Coins of Jahangir, em Numismatic Chronicle and Journal of the Royal Numismatic Society, Fifth Series, Vol XI, London, 1931



## MOHUR



1. Áries, Agra, 1028/14



2. Touro, Agra, 1028/14, imit. classe 2



3. Gêmeos, Agra, 1029/15



4. Câncer, Caxemira, 1034/20



5. Leão, Agra, 1028/14



6. Virgem, Agra, 1028/14



7. Libra, Agra, 1030/16



8. Escorpião, Agra, 1030/15



9. Sagitário, Agra, 1031/16,  
imitação classe 2



10. Capricórnio, Agra, 1029/14

## MOHUR



11. Aquário, Ajmer, 1032



12. Peixes, Agra, 1028/13

## RÚPIA



13. Áries, Ahmadabad, 1027/13



14. Touro, Ahmadabad, 1027/13



15. Gêmeos, Ahmadabad, 1027/13



16. Câncer, Ahmadabad, 1027/13



17. Leão, Ahmadabad, 1027/13



18. Capricórnio, Agra, 1030

## **Créditos das imagens:**

1. Numismatic Chronicle and Journal of the Royal Numismatic Society, Fifth Series, Vol XI, London, 1931. Plate VIII, Fig.13
2. Coleção particular
3. CNG – Classical Numismatic Group, Inc. Sale Triton IX, Lot: 1699, 9/Jan/2006 at [www.cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=76927](http://www.cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=76927)
4. Imagem gentilmente cedida por Nicholas Rhodes
5. CNG – Classical Numismatic Group, Inc. Sale: CNG 73, Lot: 1174, 13/Sep/2006 at [www.cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=91658](http://www.cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=91658)
6. The Visitors of the Ashmolean Museum, University of Oxford, UK. Imagem gentilmente cedida por Shailendra Bandhare.
7. Numismatic Chronicle and Journal of the Royal Numismatic Society, Fifth Series, Vol XI, London, 1931. Plate VIII, Fig.12
8. Numismatic Chronicle and Journal of the Royal Numismatic Society, Fifth Series, Vol XI, London, 1931. Plate VIII, Fig.14
9. Coleção particular
10. The Trustees of the British Museum, item CM 1888-12-8-744 (BMC 351) at [www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_objects/cm/g/gold\\_mohur\\_of\\_jahangir.aspx](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/cm/g/gold_mohur_of_jahangir.aspx)
11. Numismatic Department, The State Hermitage, St. Petersburg, Russia. Foto gentilmente cedida por Shailendra Bandhare.
12. CNG – Classical Numismatic Group, Inc. Sale CNG 76, Lot 1802, 12/Sep/2007 at [www.cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=109477](http://www.cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=109477)
13. Coleção particular
14. A.H. Baldwin & Sons Ltd, Sale 57, Lot 1088, 23-24/Sep/2008
15. A.H. Baldwin & Sons Ltd, Sale 54, Lot 1065, 06/May/2008
16. A.H. Baldwin & Sons Ltd, Sale 57, Lot 1089, 23-24/Sep/2008
17. A.H. Baldwin & Sons Ltd, Sale 57, Lot 1090, 23-24/Sep/2008
18. The Visitors of the Ashmolean Museum, University of Oxford, UK. Imagem gentilmente cedida por Shailendra Bandhare.

## *Brasília ganha moeda comemorativa dos 50 anos*



No último dia 04 de outubro, foi apresentada a moeda comemorativa dos 50 anos de Brasília, durante reunião do Comitê Executivo do aniversário de Brasília. O lançamento oficial da moeda, que não entrará em circulação, será entre março e abril do próximo ano.

A peça fabricada pela Casa da Moeda tem 40 milímetros de diâmetro, feita em prata com áreas foscas e espelhadas. No anverso da moeda há uma composição de imagens representando a arquitetura da cidade com o Congresso Nacional, Catedral de Brasília, Palácio do Planalto e a escultura Guerreiros. No contorno está escrito a legenda "Patrimônio da Humanidade- Unesco".e na parte inferior "Brasília 1960 - 2010".

O reverso é composto por uma representação esquemática do Plano Piloto, conhecida como avião, com o lado norte voltado para cima e na parte inferior à direita consta a impressão do valor de face (R\$ 5,00) e a legenda Brasília.

Serão confeccionados 30 mil exemplares da nova moeda que serão comercializados a R\$ 110,00 cada pelo Banco do Brasil e Banco Central. Assim como outras moedas comemorativas, a de Brasília terá um valor de face, porém não entrará no mercado.

Fonte: Correio Braziliense



# Barras de Ouro no Meio Circulante Brasileiro

Claudio Schroeder<sup>1</sup>

(REPRODUZIDO DA REVISTA DO CÍRCULO NUMISMÁTICO DE ROSÁRIO,  
ARGENTINA, EDIÇÃO XV, MAIO DE 2009)

Num período da história brasileira, o meio circulante de algumas localidades da região mineira além de moedas foi composto por barras de ouro. A legislação registra e o objetivo desse proceder era evitar a circulação do ouro em pó e cobrar imposto quando da confecção da barra na casa da fundição da localidade. Após o processo de fundição, a barra recebia marcas que identificavam o local, o ano, o número de seqüência, o monograma do ensaidor, o título do ouro, o tipo de verificação do título e o peso.



Folheto explicativo do Banco Central do Brasil. Após o processo de fundição, a barra recebia marcas que identificavam o local, o ano, o número de seqüência, o monograma do ensaidor, o título do ouro, o tipo de verificação do título e o peso. O exemplar ilustrado é da Casa da Fundição de Vila Rica, 1799, n 3265.

<sup>1</sup> Claudio Schroeder é graduado em Informática e funcionário da Companhia Estadual de Energia Elétrica do RGS, Brasil. Pesquisador da numismática, brasileira e parte da sul americana, com maior ênfase à bibliografia e a medalhas militares. Sócio de clubes numismáticos brasileiros, colaborando em suas publicações. Redator do Boletim Rio Grande Numismático da Sociedade Gaúcha de Numismática de Porto Alegre. Participa de encontros de numismática como palestrante.

Após esse processo, a barra estava apta a circular como moeda com o valor circulatório informado por documento oficial o qual deveria acompanhá-la. Com o passar do tempo, essa “moeda exótica” parou de circular e a maioria foi derretida.

Coube a numismática, como ciência auxiliar da história, fazer o registro dos poucos exemplares que chegaram até nossos dias. Indico o estudo de Kurt Prober, *Ouro em Pó e em Barras Meio Circulante no Brasil 1754-1833 2 vols*, Rio 1990, como a melhor fonte de referência sobre esse assunto.

Em 2006 atualizei<sup>2</sup> esses informes conforme intercâmbio de informação com Kurt Prober. O total passou de 209 para 218 barras conhecidas e autênticas.

Nessa ocasião atualizei também a bibliografia que trata desse tema conforme segue:

Kurt Prober, *Ouro em Pó e em Barras Meio Circulante no Brasil 1754-1833 2 vols*, Rio 1990.

Claudio Schroeder, *Leituras Numismáticas do ano de 1990- (registro de lançamento do livro de Kurt Prober*

*Ouro em Pó e em Barras Meio Circulante no Brasil 1754-1833*.) Com comentários e adendo de algumas informações novas. Porto Alegre, 1991. In Rio Grande Numismático, SGN, pp.13-25. Alain Costilhes, *Brazilian Gold Bars*. Italiam Fato Profugi - Numismatic studies dedicated to Vladimir and

Elvira Eliza Clain, Stefanelli, Louvain-la-Neuve, 1996, pp. 97-108. Sotheby's, *Brazilian Gold Currency Bars*, London 1997.

Carlos Marques da Costa, *Barras de Ouro do Brasil*, Lisboa 1998. In Actas do IV Congresso Nacional de

Numismática. Associação Numismática de Portugal, pp. 331-344.

Carlos Marques da Costa, *As Barras de Ouro do Brasil- Sua ordenação em catálogo*, São Paulo 2000. In Atas do Primeiro Congresso luso-brasileiro de Numismática. Etapa São Paulo, Banco Itaú, pp. 17-32.

Hans Kochmann, *Estudo e Classificação das Barras de Ouro Brasileiras*. 3 volumes, n.p., Itaú

Numismática- Museu Herculano Pires, São Paulo 2005. (Estudo, ainda inédito, que foi utilizado e

---

<sup>2</sup> Comunicação apresentada no IV Congresso Latino-americano de Numismática, SNB, São Paulo 2006.



Província de Mato Grosso.

Casa da fundição de **Mato Grosso** 21+1 barras conhecidas período 1784 a 1820 (atualização)

Casa da fundição de **Cuiabá** 9 barras conhecidas período 1821 a 1822

Província de Minas Gerais.

Casa da fundição de **Rio das Mortes** 7 barras conhecidas período 1796 a 1818

Casa da fundição de **Sabará** 85 barras conhecidas período 1778 a 1833

Casa da fundição de **Serro Frio** 21 barras conhecidas período 1809 a 1832

Casa da fundição de **Vila Rica** 44 barras conhecidas período 1794 a 1818

Casa da fundição de **Ouro Preto (Vila Rica)** 1 barra conhecida período 1828



## *Literatura Numismática – Lançamentos*



Em dezembro, as prateleiras das livrarias de todo o País vão receber o livro **‘O Brasil Holandês, a Família Nassau, Moedas e Medalhas’**, dos autores Fernanda Disperati Gallas e Alfredo O.G. Gallas, com 276 páginas ricamente ilustradas.

Este terceiro livro impresso pelos autores, aborda a Família Nassau, a partir de sua presença na Europa, entre os séculos XII e XVII, e no Brasil por meio de seu ilustre membro, Johann Moritz von Nassau-Siegen, conhecido por aqui como Conde Maurício de Nassau. A obra traz uma genealogia do clã entre os séculos XV e XVII, com biografias resumidas dos principais personagens

e seus brasões para ilustrar o tamanho da presença da Família, que a certa altura da história, chega a ter um Nassau no trono real da Alemanha e da Inglaterra, sendo também origem das casas reais de Luxemburgo e do Reino dos Países Baixos.

Apoiado em ilustrações inéditas e em fotos atuais clicadas pelos autores, o conteúdo do livro ‘O Brasil Holandês, a Família Nassau, Moedas e Medalhas’ vem preencher algumas lacunas da história que, por vezes, traz interpretações distorcidas por interesses da historiografia oficial ou por posicionamentos ideológicos, em versões oportunistas dos fatos em detrimento do registro isento e objetivo do ocorrido.

Para isso, Alfredo e Fernanda utilizaram dados, documentos e imagens colhidos em uma profunda pesquisa de campo realizada na Alemanha, Holanda, Portugal e Brasil, além de documentos de seu acervo pessoal e vasta bibliografia.

“É de suma importância que se conheça detalhadamente fatos que narram períodos de franca transformação de nossa história, como é o caso da invasão neerlandesa no Nordeste brasileiro, na tentativa de criar a Nova Holanda sob o governo de Maurício de Nassau, uma das mais esclarecidas e conciliadoras figuras de sua época”, explica Alfredo Gallas.

Além disso, Fernanda destaca a importância de se entender o contexto em que foram emitidas as moedas obsidionais pela GWC, no Recife, em 1645/46 e que passaram, de certa forma, a circular no País. “Procuramos pesquisar no Brasil, nos Países Baixos e na Alemanha os verdadeiros fatos ocorridos antes de 1624, data da invasão da Bahia e também os trinta anos que levaram à expulsão dos neerlandeses do Brasil, em 1654, até a assinatura definitiva do tratado de paz, em 1663”, conta a autora.

## A presença Neerlandesa

A influência neerlandesa no Brasil começa com a invasão da Bahia, em 1624, como ato de ataque à coroa espanhola, que desde 1580 tinha assumido o trono de Portugal, na chamada União das Coroas Ibéricas, após a morte do rei D. Sebastião. Este ataque, frustrado um ano depois, não foi uma guerra movida por um país contra a Colônia do Brasil e, sim, uma invasão de uma empresa mercantil, a GWC – Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, fundada com capitais privados, principalmente de Amsterdã – com o objetivo de levar lucro para seus acionistas pelo saque das riquezas brasileiras.

O ataque a Salvador resultou em prejuízo para a GWC, no entanto, em 1628 a empresa retoma o seu lucro com um assalto à Frota da Prata da Espanha, sob o comando de Pieter Heyn, que se torna herói nacional por realizar o maior butim corsário de todos os tempos, triplicando o capital inicial da GWC, de 7 milhões para 21 milhões de florins.

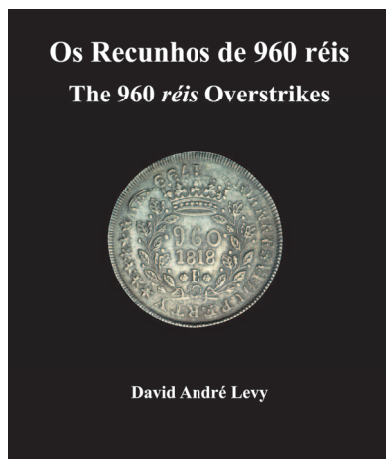
Com este dinheiro a GWC ataca Recife em 1630, sempre atrás do açúcar, na época com grande importância para a economia européia, onde as usinas de refino se multiplicavam. Após sete anos de exploração mercantil da GWC em terras brasileiras, a nova possessão neerlandesa mostrava a necessidade de ter um governo com visão mais ampla.

A partir daí, surge a figura de Johann Moritz von Nassau-Siegen, que chega como Governador da Nova Holanda, comandando o Brasil Holandês por sete anos, numa administração marcada pela tolerância religiosa, fazendo com que convivessem na cidade calvinistas, católicos, judeus, indígenas e africanos,

implantando até, em meio aos dominadores calvinistas, a primeira sinagoga das Américas.

O Conde Maurício de Nassau foi também responsável pela construção do núcleo de Recife, tornando a cidade um marco do urbanismo e da arquitetura da época, implantando arruamentos e bairros, plantando jardins, edificando pontes, palácios e fortes, dos quais infelizmente pouco restou, transformando a pequena vila colonial em cidade cosmopolita e trazendo para os trópicos o melhor da civilização européia da época.

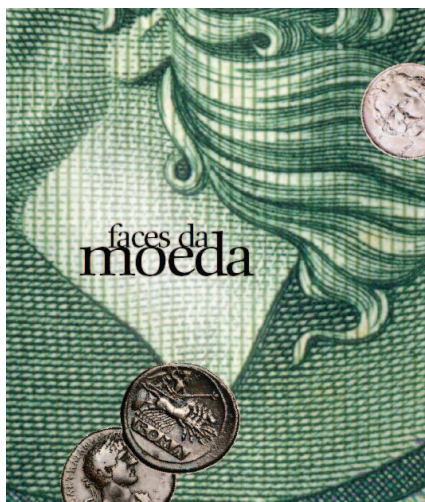
Para encerrar, o livro traz as longas e habilidosas negociações de D. João IV e sua mulher, Luísa de Gusmão, para a retirada dos neerlandeses do Nordeste. Porém, a guerra se decidiu na Europa com o pagamento de Portugal à Holanda de uma quantia que equivalia ao capital da GWC, uma concordância absurda, mas que jamais foi paga integralmente.



Mais um lançamento durante o Congresso será o livro “Os Recunhos de 960 réis / The 960 réis Overstrikes”, 2a edição, de David André Levy. Edição totalmente revista e atualizada desta importante obra da numismática brasileira. Capa dura e sobrecapa, 204 páginas, português e inglês, contendo

errata e atualizado com novas descobertas desde a 1a edição de 2002, hoje esgotada e muito procurada por colecionadores brasileiros e internacionais.





O livro “FACES da Moeda” editado pela Editora Olhares, com lançamento no VII Congresso Latino-Americano, tem a participação dos autores: Maria Beatriz Borba Florenzano, Salvador Teixeira Werneck Vianna e Maurício Barros de Castro; com organização de Otávio Nazareth, com 180 páginas, mostra em uma nova visão as diversas relações do homem com a moeda.

Na prática, a relação que temos com o dinheiro é automática. Sacamos notas e moedas do bolso ou dos caixas rápidos, ou usamos nossos cartões de crédito e débito para pagar compras, sem remeter a todo instante à troca do valor que produzimos com trabalho por outros bens; sabemos o padrão de vida que nossos rendimentos permitem ter, e avaliamos, se muito, se a mercadoria nos parece cara ou barata, quanto temos na carteira ou na conta, quando receberemos ou em que dia as faturas vencem.

Há também um caráter especulativo nas finanças pessoais. Além de definir o investimento de nossos excedentes, entre opções de risco e outras mais seguras e de menor rendimento,

nos especializamos em pequenos cálculos financeiros que avaliam como podemos ganhar mais ou perder menos nas operações rotineiras. Mais uma vez, agimos sem refletir demasiadamente no que permite a existência do dinheiro e sua aceitação ampla e irrestrita. São fatos consumados. O que está em jogo, muito mais, é a perspectiva de riqueza ou pobreza, o acúmulo ou a banca rota, o potencial de consumo e as garantias monetárias para o nosso bem-estar.

Mas eis que, em um átimo, o sistema entra em crise. Uma avalanche que, a partir dos Estados Unidos, maior economia do Planeta, adquire proporções catastróficas globais. E acaba por impactar nossas vidas. Problemas à parte, a crise nos faz olhar para o plano macro da economia, e refletir sobre o papel da moeda enquanto base operacional do próprio sistema social em que convivemos, baseado na divisão do trabalho, no lucro das empresas e nas ofertas cada vez mais amplas de consumo. Como outras invenções humanas, o sistema financeiro evoluiu de tal forma e com tamanha complexidade – e se tornou tão natural para seus usuários –, que hoje é difícil imaginar seu surgimento e a precariedade de uma sociedade pré-monetária. E o mais curioso é que não se trata de tecnologia aplicada, mas sim de uma instituição, que com a evolução e as variações do uso, ganhou vida própria.

Mais do que simples unidades de conta, meios de troca ou acumulação, as moedas têm um forte valor simbólico para a humanidade, com nuances tão variadas que ampliam sua complexidade e o interesse de seu estudo. Elas representam prosperidade e poder. Em oposição, a pobreza se expressa pela falta de dinheiro, porque já não somos autônomos na relação com o ambiente em que vivemos: precisamos lidar com a sociedade

à nossa volta, estamos inequivocamente integrados aos seus códigos. A moeda é, enfim, parte fundamental de nossa cultura.

Como chegamos tão longe nessa relação inata? E quais são as peculiaridades do caso brasileiro? A proposta deste livro é reunir ensaios que ajudem os leitores a formar uma opinião a respeito. A arqueóloga Maria Beatriz Florenzano rememora a origem das moedas e seu papel na antiguidade. O economista Salvador Werneck Vianna traça a linha evolutiva do sistema monetário ocidental desde a consolidação das economias modernas, quando as bases da sociedade industrial começaram a germinar, chegando à supremacia do dólar e seus percalços. Em outro texto, o mesmo autor remete sua análise à formação da economia monetária brasileira. Por fim, o historiador Maurício Barros de Castro passeia pelas simbologias da moeda no Brasil, reunindo indícios de como a mesma influenciou o imaginário popular ao longo de nossa breve história colonial, imperial e republicana.